

DA TEORIA À ANÁLISE: Uma introdução ao uso de entrevistas individuais semiestruturadas na ciência política.

Virgínia Rocha - Universidade Federal de Pernambuco |

Resumo

O que são entrevistas semiestruturadas? Como elas podem ser usadas na ciência política? Neste artigo abordo os principais aspectos definidores das entrevistas em profundidade como técnicas qualitativas de coleta de dados focadas na compreensão de emoções, crenças, percepções, motivações e atitudes dos indivíduos. Especificamente, trato da combinação entre estrutura e flexibilidade presente nas entrevistas semiestruturadas e discuto as consequências disso para a validade e a confiabilidade dos dados coletados. Em seguida, apresento um guia prático para a aplicação desse método na ciência política. Detalho as principais etapas do uso de entrevistas semiestruturadas, da teoria à análise dos dados, trazendo exemplos práticos e permeando discussões relevantes na área, como o debate entre as tradições quantitativa e qualitativa e a necessidade de transparência na aplicação de entrevistas e na pesquisa qualitativa de forma geral. A expectativa é oferecer um conteúdo introdutório para estudantes e pesquisadores(as) da área e, assim, contribuir para avançar no treinamento formal e no uso rigoroso de técnicas qualitativas, ambos ainda incipientes no Brasil.

Palavras-chave: entrevistas semiestruturadas; entrevistas individuais; entrevistas em profundidade; métodos qualitativos; coleta de dados.

Abstract

What are semi-structured interviews? How can they be used in political science? In this article, I discuss the main defining aspects of in-depth interviews as qualitative data collection techniques focused on understanding the emotions, beliefs, perceptions, motivations, and attitudes of individuals. Specifically, I deal with the combination of structure and flexibility present in semi-structured interviews and discuss the consequences of this for the validity and reliability of the collected data. Next, I present a practical guide to the application of this method in political science. I discuss the main stages of the use of semi-structured interviews, from theory to data analysis, bringing practical examples and permeating relevant discussions in the area, such as the debate between quantitative and qualitative traditions and the need for transparency in the application of interviews and qualitative research in general. The expectation is to offer introductory content to students and researchers in the area and, thus, contribute to advance in formal training and rigorous use of qualitative techniques, both still incipient in Brazil.

Keywords: semi-structured interviews; individual interviews; in-depth interviews; qualitative methods; data collection.

1. Introdução¹

“No mínimo, os dados qualitativos são apresentados a título de ilustração; no máximo, dados qualitativos são essenciais para a inferência causal” (GERRING, 2017, p. 15). A importância e os benefícios do uso de dados qualitativos para inferências na ciência política são crescentes (GOERTZ; MAHONEY, 2012; GERRING, 2017; MOSLEY, 2013). Nesse âmbito, as entrevistas em profundidade podem ser aplicadas em diversas áreas da disciplina. Para citar apenas alguns exemplos, Batista (2017) combina análise estatística com entrevistas semiestruturadas com gestores federais e municipais, em uma abordagem multimétodo, para compreender quais são os maiores incentivos e desafios à difusão da Lei de Acesso à Informação nos municípios brasileiros. Lotta et al. (2018), ao investigar a implementação das Supervisões de Assistência Social (SAS) em São Paulo, executam entrevistas semiestruturadas com Supervisoras de três regiões diferentes para melhor compreender o funcionamento das SAS na cidade, obtendo assim maior entendimento sobre esse meio social. Maglia (2020), por sua vez, entrevista as lideranças dos 25 partidos políticos criados no Brasil entre 1990 e 2018, com o objetivo de identificar, na percepção dos respondentes, quais as motivações para a criação de novas legendas partidárias.

Apesar da sua contribuição, o ensino de métodos qualitativos ainda está longe do desejável no Brasil. A situação é análoga para a rigorosidade na qual técnicas qualitativas de coleta e análise de dados têm sido utilizadas (SOARES, 2005; BARBERIA et al., 2014). Essa conjuntura não é específica do Brasil. Mosley (2013) argumenta que a noção de que técnicas de entrevista são métodos menos úteis ou relevantes pode ser uma consequência da ausência de treinamentos mais for-

mais nestes métodos. Apesar de ser amplamente usada em áreas como sociologia, história, antropologia, psicologia, entre outras, cientistas políticos(as) possuem poucas referências metodológicas sobre o uso de entrevistas na disciplina.

Além disso, existem questões epistemológicas associadas ao uso dos métodos qualitativos na ciência política. Especialistas destacam o continuum “positivistas - interpretativistas”. Os primeiros, embora reconheçam a complexidade da realidade social, defendem a identificação de relações de causa - efeito, hipóteses falseáveis e empiricamente testáveis. Consideram ainda que os métodos quantitativos e qualitativos são ambos úteis nessa empreitada. Para os interpretativistas, dada a realidade social, seria impossível gerar conhecimento sem considerar o contexto histórico e as relações de poder (MOSLEY, 2013).

As implicações disso para o uso de entrevistas é que interpretativistas trazem grande atenção aos desafios de distanciar o conhecimento e o contexto do(a) entrevistador(a) do processo de coletar e sistematizar os dados oriundos de entrevistas. Já para aqueles(as) em uma posição mais puramente positivista, entrevistas são meios para, objetivamente, testar ou gerar hipóteses falseáveis. Isso não significa que eles(as) desconsideram questões como os efeitos do(a) entrevistador(a) (*interviewer effects*), isto é, como o comportamento ou as características do(a) entrevistador(a) podem afetar as respostas obtidas, mas sim que interpretativistas são mais sensíveis às nuances desse processo do que positivistas. Atualmente, a ciência política é predominantemente positivista, o que afeta os principais desafios enfrentados no uso de entrevistas na área (LYNCH, 2013; MOSLEY, 2013).

Neste artigo, parto de uma perspectiva mais positivista do uso das entrevistas semiestruturadas, mas sem deixar de reconhecer preocupações importantes sobre

¹ Agradeço aos(as) pareceristas que avaliaram este trabalho pelos excelentes comentários, aos(as) colegas que sugeriram melhorias em versões anteriores desse estudo, em especial Palloma Marciano e Rebeca Rocha, e à CAPES pelo apoio financeiro via Bolsa de Doutorado. Evidentemente, qualquer equívoco neste trabalho é de minha inteira responsabilidade.

como a relação entre entrevistador(a) e informante pode afetar os dados coletados. Portanto, mobilizo aqui referências interdisciplinares que ajudam a esclarecer a complexidade dessa técnica. Ainda nesta perspectiva positivista, entendo as análises qualitativas e quantitativas como complementares. Nesse sentido, a partir dos argumentos trazidos por King et al. (1994), diversos estudos demonstraram a necessidade de compreender as abordagens qualitativa e quantitativa não a partir do paradigma quantitativo, como fazem os citados autores, mas sim de acordo com as especificidades e objetivos distintos de cada método (BRADY; COLLIER, 2010; GERRING, 2017; GOERTZ; MAHONEY, 2012; MAHONEY, 2010; RAGIN, 2008). Essa perspectiva não implica na ausência de padrões de cientificidade na análise qualitativa, mas sim que eles diferem daqueles estabelecidos na abordagem quantitativa (MINAYO, 2017).

Assim, apresento discussões gerais sobre entrevistas em profundidade, mas com foco na abordagem semiestruturada, que é a técnica de entrevista mais frequente nas análises qualitativas (KALLIO et al., 2016). Procuo responder as seguintes perguntas: *o que são entrevistas semiestruturadas? Como elas podem ser usadas na ciência política?* O objetivo é trazer os principais aspectos de entrevistas individuais semiestruturadas como técnica qualitativa de coleta de dados (BERRY, 1999; DUARTE, 2005) e apresentar uma introdução ao seu uso. Embora existam diversos trabalhos, inclusive no formato de manuais ou guias, sobre como fazer entrevistas, eles são, em geral, voltados para as ciências sociais, com maior ênfase na sociologia ou antropologia (BONI; QUARESMA, 2005; DUARTE, 2005; GASKELL, 2003; LEGARD et al., 2003; MINAYO, 2012), focados em etapas específicas da execução de entrevistas (BERRY, 1999; CROUCH; MCKENZIE, 2006; DWORKIN, 2012; KALLIO et al., 2016; MARSHALL, 1996) ou, quando compreendem a técnica como um todo, são livros que aprofun-

dam cada aspecto do método em diferentes capítulos (MOSLEY, 2013; WENGRAF, 2001).

Evidentemente, esses estudos são importantes e trazem recomendações valiosas para o tema em questão, mas considerado necessário oferecer um material que sintetize os principais aspectos gerais da técnica de entrevistas qualitativas com foco na sua aplicação na ciência política. Conteúdos assim são relevantes tanto para tentar preencher a aparente lacuna de materiais didáticos sobre o tema na referida área, quanto para oferecer um suporte técnico para a decisão de pesquisadores(as) sobre qual método devem utilizar. Se no Brasil a escolha do método a ser aplicado em uma pesquisa tem sido, muitas vezes, pautada na afinidade do(a) acadêmico(a) com a metodologia ou em suas noções pré-definidas, a ideia é que ela passe a ser tecnicamente embasada (MARSHALL, 1996; REZENDE, 2011). Assim, a expectativa é que este artigo possa contribuir para que estudantes e pesquisadores(as) da área pouco familiarizados(as) com essa abordagem, possam encontrar aqui uma visão geral da sua aplicação e obter conhecimento suficiente para i) avaliar a adequação dessa técnica ao seu problema de pesquisa e, caso seja adequado, ii) ter referências iniciais para se aprofundar na técnica e usá-la com o rigor necessário. Assim, assumo o *trade-off* de tangenciar algumas questões de maneira mais superficial para que seja possível cobrir todas as etapas essenciais do uso de entrevistas - da teoria à análise.

Dito isso, este artigo está organizado da seguinte forma. Além desta introdução, na segunda seção, apresento a abordagem semiestruturada vis-à-vis outras técnicas de entrevista, destacando os principais aspectos que a diferenciam das demais e quais são os desafios centrais para a sua execução. Na terceira seção, exponho as principais etapas da realização de entrevistas - teoria, roteiro/tópicos guia, seleção de entrevistados(as), aplicação das entrevistas e consolidação e análise dos dados. Foco nas discussões centrais para cada passo do processo e expo-

nhos exemplos práticos de estudos da área que utilizam a referida técnica. Na quarta e última seção, trago reflexões finais e concluo o trabalho.

Entrevistas:ão?

Por meio das entrevistas é possível perguntar aquilo que não conseguimos observar: sentimentos, intenções e pensamentos, por exemplo. Assim, entrevistas são feitas para compreender a perspectiva do outro, partindo do pressuposto de que tal perspectiva é significativa e pode ser conhecida e explicitada (PATTON, 2002). Elas permitem a melhor compreensão de mecanismos causais, podem servir como principal fonte de dados e, ainda, podem gerar dados que serão analisados de forma quantitativa posteriormente (LYNCH, 2013; MOSLEY, 2013). Além disso, entrevistas em profundidade são apropriadas quando se tem como objetivo descrever de forma detalhada um dado meio social a fim de compreendê-lo, quando se deseja usar seus resultados para desenvolver um referencial conceitual para pesquisas subsequentes ou quando se deseja testar conceitos. Isto é, utilizar os dados obtidos para testar expectativas que foram geradas fora de uma teoria já estabelecida (GASKELL, 2003).

Existem variadas classificações de entrevistas. Uma primeira distinção relevante é entre as entrevistas individuais e as grupais. Embora compartilhem pontos norteadores gerais, pelo fato de ambas usarem abordagem semiestruturada (GASKELL, 2003; HERTEL, 2009; MOSLEY, 2013), os dois tipos possuem algumas especificidades. Entrevistas grupais ou grupos focais também possuem foco no comportamento, atitudes e opiniões dos indivíduos, mas sob a perspectiva da construção de consensos e reação a pontos de divergência. Alguns estudiosos defendem que entrevistas grupais podem ser preferíveis às individuais, pois permitem observar como os indivíduos interagem e reagem a situações de conflito, além da possibilidade de usar recursos

extras (projeções, metáforas etc.) (GASKELL, 2003). No entanto, é importante ponderar os custos logísticos que elas exigem e as suas limitações metodológicas (HERTEL, 2009).

Já entre as entrevistas individuais, diversas são as possibilidades: entrevista de *survey*, entrevista de aconselhamento, entrevista “diário”, entrevista de história de vida, entrevista etnográfica, entrevista não estruturada/informal e conversações. Também é possível definir entrevistas a partir de três abordagens principais: entrevista informal de conversação, abordagem geral de entrevista guiada e entrevista aberta padronizada (BERRY, 1999; PATTON, 2002). O primeiro tipo se refere a uma entrevista em estilo de conversa continuada, também chamada de entrevista não estruturada ou etnográfica, apropriada para explorar um dado tema de interesse de maneira mais fluida, sendo tipicamente usada emção (DUARTE, 2005; PATTON, 2002). Seus resultados podem, inclusive, ajudar a construir roteiros semiestruturados ou questionários para entrevistas fechadas posteriores (DUARTE, 2005). No segundo tipo, a entrevista é guiada por uma espécie de lista de tópicos, cujo objetivo é garantir que todos os pontos relevantes foram cobertos. Desta forma, é uma abordagem adequada para adquirir informações específicas sobre o objeto de pesquisa. Por fim, na última abordagem as perguntas são estruturadas de forma mais sistematizada e o objetivo é reduzir o grau de variação nas respostas dadas pelos(as) entrevistados(as) em cada pergunta (BERRY, 1999; GASKELL, ; WOOFFITT; WIDDICOMBE, 2006).

De maneira geral, então, temos entrevistas abertas, semiabertas ou fechadas, sendo as duas primeiras, respectivamente, entrevistas guiadas por um tema central e por um roteiro-base. Ambas apresentam uma abordagem em profundidade, sendo qualitativas. Já as entrevistas fechadas são quantitativas em sua maioria e possuem abordagem linear (DUARTE, 2005). Na técnica

qualitativa, a ordem das perguntas e as palavras usadas podem variar, ao passo que na quantitativa, a ordem e as palavras utilizadas importam e devem ser padronizadas (WOOFFITT; WIDDICOMBE, 2006). Neste artigo, tratarei das entrevistas semiestruturadas, isto é, entrevistas qualitativas em profundidade e semiabertas (DUARTE, 2005).

ão é, , semiestruturada? É “conversaóito” (LEGARD et al., 2003), sendo „ãodos(as) entrevistados(as) (GASKELL, 2003). Ao contrário da pesquisa quantitativa que foca na generalização e no efeito médio (GERRING, 2017; GOERTZ; MAHONEY, 2012), esse método foca em símbolos, significados, crenças, atitudes, valores e motivações (GASKELL, 2003; LEGARD et al., 2003; DUARTE, 2005).

Além desta definição geral, tais entrevistas podem ser delimitadas de acordo com algumas características principais (LEGARD et al., 2003). Um primeiro ponto é que elas apresentam uma combinação entre estrutura e flexibilidade: na medida em que seguem um tópico guia ou roteiro com os principais temas a serem abordados (estrutura), o(a) pesquisador(a) tem liberdade para voltar numa pergunta anterior, aprofundar um determinado tópico etc. (flexibilidade). É diferente de um questionário estruturado de *survey*, mas possui estrutura por meio dos tópicos guia ou do seu roteiro (DUARTE, 2005; LEGARD et al., 2003). Neste sentido, duas outras características se destacam: a natureza interativa e a possibilidade de aprofundar questões. No primeiro caso, a entrevista semiestruturada é fruto da interação entre o(a) pesquisador(a) e o(a) entrevistado(a). No segundo, o(a) entrevistador(a) procura aprofundar as respostas obtidas a partir das chamadas *follow up questions*, isto é, perguntas que pedem para que o(a) entrevistado(a) desenvolva uma resposta dada em um determinado tópico (LEGARD et al., 2003) (ex.: “poderia me dizer algo mais sobre isso?” (GASKELL, 2003)).

Algumas questões decorrem dessa natureza interativa da técnica, como a maneira pela qual o formato da entrevista afeta os dados coletados e os efeitos causados pelo(a) próprio(a) entrevistador(a) nas respostas obtidas. No primeiro caso, discute-se que a entrevista pode não só mapear opiniões-pré existentes, como também participar da formação dessa percepção. Ou seja, é um método que além de compreender percepções, também gera conhecimento e informação. Isso ocorre porque o indivíduo pode ser questionado sobre temas sobre os quais nunca havia pensado antes (CROUCH; MCKENZIE, 2006; LEGARD et al., 2003). Assim, as entrevistas podem ser consideradas um processo de co-construção dos dados, na medida em que há construção de realidade e sentimentos (BERRY, 1999; GASKELL, 2003; ROULSTON et al., 2003; SIONEK et al., 2020). No segundo ponto, relacionado aos chamados efeitos do(a) entrevistador(a), o comportamento de quem entrevista, sua linguagem e nuances, pode afetar as respostas recebidas e, portanto, os dados coletados. Por isso, a variação no *rappor*t é um dos problemas associados à natureza interativa das entrevistas (MOSLEY, 2013). Desta forma, gravar as entrevistas é essencial, uma vez que tomar notas ao longo do processo poderia afetar a forma dos dados (LEGARD et al., 2003).

A questão dos efeitos do(a) entrevistador(a) é considerada positivista e se manifesta, então, de duas maneiras. A primeira é relacionada à forma como os(as) entrevistados(as) enxergam quem entrevista e, potencialmente, mudam suas respostas a partir disso. A segunda, considera os vieses do(a) entrevistador(a) ao interpretar as respostas obtidas, o que será influenciado não só pela teoria, mas pelo seu próprio contexto e percepções. Para os(as) interpretativistas, isso está ligado à maneira como o(a) entrevistador(a) se posiciona em relação ao(à) entrevistado(a), tendo consciência de todas essas variações (MOSLEY, 2013). Alguns especialistas ressaltam as questões de intersubjetividade e reflexividade. Neste sentido, há o

entendimento de que as entrevistas propiciam a geração de um material, e não apenas a coleta de dados (MINAYO; GUERRIERO, 2014).

É pertinente destacar, também, que as entrevistas semiestruturadas podem ser usadas em uma abordagem multimétodo (DUARTE; 2005; GASKELL; 2003; LYNCH, 2013). Numa mesma entrevista é possível utilizar perguntas qualitativas e quantitativas (DUARTE, 2005). Ainda, existe a alternativa de usar entrevistas grupais para observar opiniões e processos de consenso e divergência combinadas às entrevistas individuais para compreender melhor as motivações e o contexto particular do indivíduo (GASKELL, 2003). Por conseguinte, as entrevistas em profundidade podem ser aplicadas de forma combinada a outros métodos, seja para apoiar um desenho de *survey*, por exemplo, e dar suporte para sua interpretação, seja para levantar informação contextual a fim de entender os resultados de uma pesquisa (*ibidem*).

Na ciência política, entrevistas em profundidade também são usualmente utilizadas para a construção de experimentos de campo (GERRING, 2017). Informações qualitativas também podem ser usadas para melhorar a inferência causal em desenhos que usam técnicas quase-experimentais, como o pareamento (*matching*), por exemplo. Elas auxiliam na redução de erros de mensuração, permitem a construção de um intervalo de confiança qualitativo sobre a magnitude do efeito e ajudam a lidar com *confounders* (GLYNN; ICHINO, 2015). Dentro dos métodos qualitativos, há também o uso de entrevistas de elites em desenhos de *process-tracing* (TANSEY, 2007).

Além dessas áreas, as entrevistas em profundidade podem ser utilizadas como técnica qualitativa de avaliação de impacto de políticas públicas (BATISTA; DOMINGOS, 2017), no campo do marketing político (VEIGA; GONDIM, 2001) e em pesquisas sobre

diversos outros temas como *lobbying*, violência vivida durante a guerra, preferências de empresários sobre políticas de bem-estar social (MOSLEY, 2013), estudos sobre a implementação de políticas públicas (GUIMARÃES, 2018; LOTTA et al., 2018) ou ainda, o estudo de partidos políticos no Brasil (MAGLIA, 2020; ROCHA, 2019), para citar apenas alguns exemplos.

Nas avaliações, entrevistas deste tipo são especialmente relevantes para entender como o impacto de um programa afeta cada pessoa de forma distinta (BATISTA; DOMINGOS, 2017). Isto é, para compreender as perspectivas de participantes de um determinado programa, da equipe que implementa o programa e de outros grupos relevantes à execução de uma política pública ou programa social. Para tanto, o uso desta técnica lança luz sobre as experiências das pessoas com o programa, como elas percebem e sentem as ações desenvolvidas e assim por diante (PATTON, 2002). Nessa mesma linha, um estudo sobre a implementação de uma política específica com foco nos(as) burocratas de nível de rua, como o de Guimarães (2018), ajuda a observar diferentes aspectos relevantes das perspectivas de pessoas diretamente responsáveis por entregar aquele serviço às beneficiárias. No marketing político, a exploração das experiências de vida e cotidiano de uma pessoa podem ajudar a compreender melhor as suas visões sobre a política. Em comum, está o foco nas crenças, decisões, valores, expectativas, desejos etc. É um “diálogo assimétrico” no qual o(a) entrevistador(a) busca coletar dados e o(a) entrevistado(a) é a fonte das informações. O foco, consiste, então, na fala do(a) entrevistado(a) (BATISTA; DOMINGOS, 2017; VEIGA; GONDIM, 2001).

Assim, no lugar de pesquisas mais imersivas, como entrevistas participantes, as aplicações de entrevistas na ciência política tendem a ser mais concisas, mais pontuais. Na medida em que isso afeta o nível de profundidade atingido, influencia também a validade interna

dos dados coletados. Por outro lado, pode haver ganho de validade externa, pela possibilidade de contemplar mais grupos sociais ou mais locais. Neste sentido, existem quatro desafios principais para a aplicação de entrevistas na ciência política: ética, amostragem (seleção de entrevistados(as)), validade e confiabilidade.

A questão ética está associada ao risco que uma dada pesquisa pode gerar aos(as) seus(suas) participantes. Esse risco é considerado pequeno em comparação a pesquisas médicas, por exemplo. Todavia, eles existem e devem ser considerados nas ciências sociais. No âmbito de entrevistas em profundidade, alguns exemplos desse risco são tocar em temas sensíveis que podem lembrar experiências traumáticas dos(as) respondentes ou a falta de anonimato ao reportar os dados, colocando em risco a integridade do(a) entrevistado(a). Nesse caso, o consentimento informado é central para garantir a ética em pesquisas que envolvem interações com seres humanos. Ele deve comunicar ao(à) informante sobre os objetivos da pesquisa, esclarecer que sua participação é voluntária e que ele(a) é livre para deixar de participar a qualquer momento e não sofrerá nenhuma punição por isso, e apresentar os riscos de participação e o que será feito para mitigá-los. Também é preciso garantir a confidencialidade dos(as) respondentes (MOSLEY, 2013).

Muitas vezes, esse consentimento é oficializado por um Termo de Consentimento, podendo ocorrer, em alguns casos, de forma oral - quando o(a) entrevistado(a) não é alfabetizado(a), por exemplo. A construção e a assinatura deste termo trazem diversos desafios para os(as) pesquisadores(as). O primeiro deles é que as instituições responsáveis pela aprovação de uma pesquisa, que no caso das Universidades brasileiras seriam os Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) e, a nível internacional, os *Institutional Review Boards* (IRBs), tendem a preferir uma linguagem mais formal e técnica, que pode ser menos acessível aos(as) entrevistados(as). Existe uma

crítica de que, em alguns casos, os documentos são escritos de tal forma que protegem mais a instituição que financia ou está vinculada à pesquisa do que a pessoa que participa do estudo em si. Com isso, é papel do(a) pesquisador(a) garantir que o Termo seja interpretável, isto é, explicar ao(à) informante, em linguagem acessível e clara, do que se trata aquele documento (BROOKS, 2013; MOSLEY, 2013).

Um outro ponto, é que a própria assinatura do Termo pode afetar a motivação do(a) entrevistado(a) de participar da pesquisa. Há indicação de que o consentimento oral está associado a maior motivação a participar do estudo quando comparado ao consentimento escrito. Dado que o consentimento informado é irrevogável, por ser condição básica de respeito ao ser humano que integra um estudo, o(a) pesquisador(a) deve estar atento(a) à forma como apresenta essa etapa ao entrevistado(a), com honestidade e tranquilidade (BROOKS, 2013; MOSLEY, 2013).

Minayo e Guerriero (2014) alertam que a pesquisa qualitativa envolve desafios éticos que vão além dos instrumentos e procedimentos definidos pelos Comitês de Ética - eles envolvem o processo da pesquisa como um todo. As autoras destacam três fatores relacionados às questões de ética em pesquisa: o comportamento do(a) pesquisador(a) em campo; a forma como o material é analisado; e o relato feito a partir deste material. Nesse sentido, o(a) pesquisador(a) deve sempre manter o respeito em relação aos indivíduos com quem interage. Isso se estende às demais etapas da pesquisa. Com relação à publicação dos dados ou do relatório de pesquisa, a decisão do que deve ser incluído e exposto na análise é, também, ética. É crucial que o(a) pesquisador(a) seja transparente e descreva em detalhes o seu processo de pesquisa, como foram estabelecidas as relações em campo, a fim de que suas conclusões possam ser avaliadas nesse contexto. Um exemplo prático de medidas éticas que podem ser tomadas na apresentação

dos resultados é suprimir ou mudar os nomes das pessoas e/ou instituições para nomes fictícios (MINAYO; GUERRIERO, 2014).

Os próximos três desafios - seleção dos(as) entrevistados(as), validade e confiabilidade - estão diretamente ligados a algumas das etapas de planejamento e execução das entrevistas e, portanto, serão pormenorizados ao longo da próxima seção. Numa visão inicial, o desafio da seleção dos(as) entrevistados(as) se refere a como definir a população das pessoas que poderão ser entrevistadas; e como escolher os indivíduos a partir dessa população, algo que depende da construção da teoria e de como as hipóteses serão testadas. Já o desafio da validade interna está associado a fatores como a amostra/seleção de entrevistados(as) e a forma como a entrevista foi conduzida (se as perguntas conseguiram capturar a informação relevante para a pesquisa, se as respostas dos(as) respondentes foi verdadeira e, havendo viés nas respostas, se o(a) entrevistador(a) foi capaz de detectá-lo). Em suma, refere-se a todos os aspectos que compõem o processo de planejamento e aplicação das entrevistas e que podem afetar os dados coletados quanto a sua capacidade de capturar o objeto de estudo da pesquisa (MINAYO, 2012; MOSLEY,

2013). Finalmente, o último desafio ao realizar entrevistas é a confiabilidade das respostas recebidas. Isso está relacionado ao quão consistente é o instrumento de mensuração. No caso das entrevistas, se podemos confiar que ao repetir uma mesma entrevista com um mesmo indivíduo nós receberíamos respostas similares, consistentes (MOSLEY, 2013).

2. Como Usar Entrevistas? Da teoria à análise dos dados

A figura 1, a seguir, apresenta um esquema visual que resume as principais etapas aqui abordadas. Cada passo será discutido em um subtópico específico, exceto pela etapa de submissão da pesquisa a um comitê de ética, a qual já foi discutida na seção anterior. O consentimento informado é crucial para realizar entrevistas, mas a necessidade de submeter o estudo para aprovação depende da instituição à qual o(a) pesquisador(a) está vinculado(a)². Tal etapa seria, naturalmente, anterior à aplicação das entrevistas e está caracterizada em cinza na figura 1 por ser parte importante do planejamento de entrevistas.

Figura 1: Etapas para a realização de Entrevistas Semiestruturadas.



Fonte: Elaboração própria com base em Gaskell (2003) e Mosley (2013).

2 Os documentos exigidos pelos Comitês de Ética para a realização de pesquisa com seres humanos são vários, em um processo bastante exigente, por ser pautado predominantemente nas pesquisas biomédicas (MINAYO; GUERRIERO, 2014). Embora algumas resoluções mais recentes flexibilizem um pouco esse processo para pesquisas nas ciências sociais, o(a) pesquisador(a) deve se planejar para coletar e entregar os documentos exigidos pelo Comitê da sua instituição e considerar o tempo de avaliação da sua solicitação para realizar a pesquisa. Como isso afeta o cronograma da análise em si, é recomendável checar logo no início da pesquisa se seria necessário submetê-la a um CEP, quais documentos são exigidos e quanto tempo pode levar até que a pesquisa seja aprovada, antes de partir para a aplicação das entrevistas em si.

Teoria

O primeiro passo para realizar uma entrevista semiestruturada deve ser o desenvolvimento de um referencial teórico ou conceitual cujo conteúdo vai nortear a análise. Desta forma, é importante que conceitos e temas centrais sejam previamente identificados (GASKELL, 2003; CROUCH; MCKENZIE, 2006). Assim, o objeto de estudo deve ser definido a partir de uma pergunta de pesquisa ou problematização e situado em um debate teórico (MINAYO, 2012). Tal ponto pode parecer evidente, considerando que um problema de pesquisa deve contrapor de maneira clara as contribuições da análise proposta em relação ao que já foi discutido na literatura especializada sobre o tema (GUSTAFSSON; HAGSTROM, 2018). Mesmo assim, por ser crucial, esse ponto deve ser lembrado e destacado.

Além disso, outra possibilidade é a utilização da teoria fundamentada (*grounded theory*) (GASKELL, 2003). A teoria fundamentada pode ser entendida como a descoberta da teoria a partir dos dados (GLASER; STRAUSS, 2006 [1976]). Ela é uma metodologia cujos direcionamentos para coletar e analisar os dados permitem gerar teorias de médio-alcance (CHARMAZ; BELGRAVE, 2015). A partir de uma abordagem indutiva, a ideia é gerar teorias que sejam ancoradas nos dados e capazes de explicar o fenômeno analisado. Para além da sociologia, a teoria fundamentada é bastante usada na antropologia e em estudos organizacionais, por exemplo. Na ciência política, dois pontos são contenciosos para o uso desse método: o debate sobre as metodologias qualitativa e quantitativa e a ênfase na abordagem dedutiva e na verificação de teorias, ao invés da geração destas. De maneira geral, o uso desse método na ciência política seria limitado, sendo possivelmente mais adequado para os estudos de sociologia política e políticas públicas (BECKER, 2012).

Uma vez definido o referencial teórico, é possível partir para duas questões essenciais para a aplicação do método: o que perguntar e a quem perguntar. A primeira questão

está ligada à definição do tópico guia ou roteiro, ao passo que a segunda concerne a seleção de entrevistados(as) (GASKELL, 2003). Ambas são características definidoras das entrevistas semiestruturadas e não devem ser confundidas com técnicas quantitativas de construção de *survey*, tampouco com as questões de aleatorização e representatividade que permeiam a definição de amostras (DUARTE, 2005; GASKELL, 2003).

Tópicos Guia

A elaboração apropriada do tópico guia é crucial para a execução de uma boa entrevista. Como diz o próprio nome, os tópicos guiam a pesquisa e permitem que seja possível alcançar os objetivos da investigação. Neste sentido, devem ser construídos para permitir que a entrevista ocorra de forma lógica e plausível (GASKELL, 2003). O roteiro deve ser ancorado nas questões centrais da pesquisa e nas suas teorias e hipóteses. Essas hipóteses podem surgir à medida que as respostas são obtidas, o que pode provocar mudanças nos tópicos guia (DUARTE, 2005; MINAYO, 2012). Assim, o(a) pesquisador(a) deve pautar suas ações nas teorias e hipóteses, mas manter a mente aberta para questioná-las (MINAYO, 2012).

Além de se basear no referencial teórico apropriado, o(a) pesquisador(a) deve reconhecer o campo. Isto é, observar e conversar antecipadamente com pessoas que podem ser relevantes para a análise, discutir o tema com colegas e usar a criatividade (GASKELL, 2003; MINAYO, 2012). Quando estiver em campo, manter um diário com anotações das falas, depoimentos e visões apresentadas pelos(as) interlocutores(as) pode ajudar o(a) pesquisador(a) a tecer uma narrativa coletiva sobre as vivências e experiências dos indivíduos cuja realidade é analisada (MINAYO, 2012).

Os tópicos facilitam a estruturação da entrevista de uma forma que seja possível garantir que os mesmos pontos foram tratados com todos os(as) entrevistados(as).

Todavia, o(a) entrevistador(a) tem liberdade para explorar esses tópicos da forma que achar mais apropriada (PATTON, 2002). É a combinação entre estrutura e flexibilidade tratada por Legard et al. (2003).

No que se refere à formulação do roteiro da entrevista em si, é ideal que este seja construído como uma sequência de títulos de parágrafos. Não devem ser elaboradas perguntas fechadas a serem simplesmente repetidas para os(as) entrevistados(as), mas sim temas que se deseja conversar com eles. É necessário sempre relembrar o objetivo de compreender as percepções, visões de mundo, crenças e atitudes dos(as) entrevistados(as) sobre determinados temas (GASKELL, 2003). O roteiro desse tipo de entrevista não precisa ser extenso, tendo em geral entre 4 e 7 perguntas, sendo ideal que não exceda uma página. Tais questões precisam ser amplas o suficiente para permitir o aprofundamento do tópico e não devem ser redundantes. Quem entrevista deve explorar as respostas apresentadas (com perguntas de *follow up*, que visam aprofundar as respostas) e somente partir para a próxima pergunta quando o tópico tiver sido esgotado (DUARTE, 2005; GASKELL, 2003).

Os roteiros, então, tendem a ser compostos por dois níveis - um que aborda os temas centrais da pesquisa, com perguntas que permitem que os(as) informantes falem livremente sobre os tópicos, e outro que abrange as perguntas de *follow up* (KALLIO et al., 2016). Vale salientar, no entanto, que muitos roteiros possuem bem mais que sete perguntas, às vezes em torno de 15 delas (HORTON et al., 2004; ROCHA, 2019). Mais importante que seguir uma regra de quantidade de perguntas é garantir que todos os aspectos relevantes para compreensão do objeto de pesquisa foram inseridos.

De maneira prática, é ideal que o tópico guia possa ser usado em certa medida para monitorar a entrevista, caso haja alguma limitação ou estimativa de tempo

e se saiba quantos tópicos ainda precisam ser abordados (GASKELL, 2003; HORTON et al., 2004). Além disso, os tópicos guia deverão ajudar não só a guiar a entrevista, mas também a orientar a sua transcrição posteriormente, servindo como um esquema preliminar. Todavia, os subtópicos não são inflexíveis, podendo ser modificados para entrevistas subsequentes. É possível que o(a) entrevistador(a) perceba que um dado tópico não contribuiu muito para o desenvolvimento da discussão ou até que havia um tópico importante que não constava na estrutura anterior. Consequentemente, é comum que o(a) pesquisador(a) inicie as entrevistas com um roteiro e as finalize com outro. Entretanto, qualquer mudança deve ser sempre registrada, junto com a justificativa que levou a essa alteração (DUARTE, 2005; GASKELL, 2003; MINAYO, 2012).

Com base em uma revisão sistemática da literatura, Kallio et al. (2016) identificaram cinco etapas no processo de elaboração dos tópicos guia que, em certa medida, sumarizam o que já foi discutido. Os passos são: i. identificar os pré-requisitos para aplicar uma entrevista semiestruturada; ii. considerar o conhecimento prévio já construído sobre aquele tema (teoria e material empírico); iii. elaborar um guia preliminar; iv. testar essa versão em campo, havendo três possibilidades para isso: testagem interna (com membros da equipe pesquisadora), avaliação de especialistas (pesquisadores(as) que não integram a equipe) e testagem em campo (com indivíduos que poderiam ser entrevistados(as)). E, então, com base nas informações obtidas sobre a abrangência e importância das perguntas feitas, aprimorar o roteiro; e v. por fim, apresentar a versão final do guia.

Seleção de Entrevistados

A partir do referencial teórico e da construção do tópico guia, o próximo passo é selecionar os(as) entrevista-

dos(as). Como já dito, este é um dos desafios enfrentados na utilização da técnica de entrevistas (MARSHALL, 1996; MOSLEY, 2013). Na aplicação de técnicas que envolvem interação entre pesquisador(a) e indivíduos analisados, os conceitos de amostra e saturação são centrais. Eles estão ligados a uma pergunta mais profunda, isto é, em que medida tais técnicas podem ser consideradas científicas? Até que ponto as falas coletadas em determinado número de entrevistas refletem a perspectiva de um grupo estudado? (MINAYO, 2017).

De maneira geral, dois caminhos principais podem ser tomados para selecionar os(as) entrevistados(as): a amostragem probabilística ou não probabilística (intencional) (LYNCH, 2013). Qual deles é o melhor? Alguns argumentos defendem que o uso prevalente de abordagem não probabilística está baseado numa condição ontológica impossível de homogeneidade do mundo social (LUCAS, 2012). Muitos(as) qualitativistas reconhecem as limitações das conclusões alcançadas por meio de amostras não aleatórias e que, portanto, estudos qualitativos não possuem intenção de generalização. Todavia, Lucas (2012) discute que muitas investigações dentro dessa abordagem acabam por trazer conclusões generalizáveis, mesmo com as limitações de amostras intencionais.

O argumento é de que entrevistas em profundidade perdem boa parte da sua capacidade de gerar conhecimento quando uma seleção teoricamente mais rigorosa dos(as) entrevistados(as) não é posta em vigor (LYNCH, 2013; LUCAS, 2012). Embora essa discussão seja muito importante, é interessante observá-la com base no debate metodológico da ciência política entre as tradições quantitativas e qualitativas. A análise qualitativa foca nas singularidades e na intensidade de um fenômeno, e não na identificação de um padrão, como na análise quantitativa.

Numa distinção rápida, as análises qualitativas são expressas em linguagem natural; com abordagem

Small-N, casos selecionados de forma não aleatória, mas sim proposital, e foco em eventos específicos. Nesse caso, é especialmente importante que os(as) entrevistados(os) selecionados(as) representem todos os pontos de vista relevantes para a pesquisa, ou seja, a diversidade nas fontes é essencial. Assim, os(as) participantes seriam selecionados(as) não de forma probabilística, mas sim intencional. A seleção seria, então, baseada na teoria e no potencial de informação que tais indivíduos podem agregar a análise (MACDOUGALL; FUDGE, 2001; GASKELL, 2003). Por outro lado, análises quantitativas utilizam abordagem probabilística e estatística, *Large-N*, amostras aleatórias e focam na generalização (GERRING, 2017). Enquanto análises quantitativas buscam a identificação do efeito causal médio (*effects-of-causes*), os estudos qualitativos objetivam compreender o que causou determinado efeito (*causes-of-effects*) (GOERTZ; MAHONEY, 2012). Se para a análise quantitativa selecionar os casos pela variável dependente não é indicado, para a análise qualitativa tal seleção pode ser a mais apropriada para entender os mecanismos causais que levaram a um dado evento (*ibidem*).

Assim, reconhecer os limites do uso de técnicas qualitativas como as entrevistas em profundidade é essencial, mas precisamos ter cuidado para não sobrepor uma lógica quantitativa sobre um desenho de pesquisa qualitativo. Posto isso, a resposta para pergunta sobre qual o melhor caminho a seguir, se probabilístico ou intencional, é: depende. Essa decisão deve ser guiada pela pergunta de pesquisa e pelo objetivo do estudo (MARSHALL, 1996; MINAYO, 2017; MOSLEY, 2013; LYNCH, 2013).

Como explica Mosley (2013), se a intenção é generalizar a partir dos dados coletados, transformando-os posteriormente em *data set observations* (DSO), isto é, observações quantitativas, uma amostragem probabilística pode ser mais adequada. Todavia, se o desenho

de pesquisa é qualitativo, isto é, a pergunta de pesquisa procura entender por que um determinado evento ocorreu ou como ele ocorreu, os dados serão analisados como *causal process observations* (CPO)³. Neste caso, não falamos em *amostragem*, mas sim na *seleção de entrevistados(as)* (BRADY, 2010; GASKELL, 2003; MOSLEY, 2013).

Pesquisas qualitativas por vezes selecionam aleatoriamente o objeto no qual se está interessado(a) em estudar, por exemplo, firmas, ou escolas, e dentro dessas organizações selecionam intencionalmente as pessoas que poderiam trazer maior riqueza de informações para a análise. Assim, não é uma completa aleatorização. A amostra aleatória pode ser desenhada de variadas formas para as entrevistas em profundidade. Uma das possibilidades é desenhar amostras aleatórias estratificadas que podem ser usadas para identificar os chamados casos raros. No entanto, amostras aleatórias nem sempre são factíveis por diversos motivos (falta de recurso, entrevistados(as) que desistem de participar e assim por diante). Nesses casos, uma opção é combinar aleatorização com a técnica de “bola de neve”, que consiste em selecionar alguns indivíduos aleatoriamente e usar sua rede pessoal para tentar recrutar mais pessoas (LYNCH, 2013).

Já na abordagem não aleatória, para a qual o termo correto seria “seleção” e não “amostragem” (GASKELL, 2003), o objetivo não é entrevistar indivíduos de um mesmo perfil, mas sim “variantes de um conjunto social particular” (CROUCH; MCKENZIE, 2006, p. 493). Esse é um ponto crucial para a validade e confiabilidade dos dados levantados via entrevista (DUARTE, 2005). É também uma questão fundamental na análise qua-

litativa de maneira geral, na qual a inferência decorre de poucos casos intencionalmente selecionados (GERRING, 2017). Nesse caso, como esclarece Minayo (2017), a fidedignidade da análise qualitativa está mais relacionada com a diversidade do objeto e com o desenho de pesquisa em si, do que com o tamanho da amostra. Em suas palavras, “(...) uma amostra qualitativa ideal é a que reflete, em quantidade e intensidade, as múltiplas dimensões de determinado fenômeno e busca a qualidade das ações e das interações em todo o decorrer do processo.” (MINAYO, 2017, p. 10).

Sendo não probabilístico, quatro tipos de seleção de entrevistados(as) podem ser destacados: por conveniência (ou acidental), intencional (ou de julgamento), bola de neve e a de contatos intersticiais. No primeiro, a seleção depende da viabilidade, quando as fontes são selecionadas por proximidade ou disponibilidade. Podem ser muito úteis quando o acesso aos(as) potenciais entrevistados(as) é difícil ou na fase preliminar da pesquisa. No segundo, com base em seu julgamento, o(a) pesquisador(a) define os(as) entrevistados(as) a partir do conhecimento que eles(elas) possuem sobre o tema ou almejando alcançar representação subjetiva. Pode ser usada para garantir que casos raros ou negativos façam parte da pesquisa. No terceiro, chamado seleção bola de neve, ou guiada pelo(a) respondente ou de referência em cadeia, consiste em incluir entrevistados(as) à medida que as entrevistas são realizadas, com base na indicação de outros(as) respondentes. Assim, ao longo da pesquisa novos(as) entrevistados(as) podem ser selecionados(as), caso seja identificada a necessidade da sua inclusão para a pesquisa (DUARTE, 2005; LYNCH, 2013). Rocha (2019), por exemplo, ao investigar a formação de uma nova Direita no Brasil, utiliza a técnica de bola de neve ao questionar em diferentes grupos sociais quais seriam as pessoas consideradas por cada um deles como mais importantes para compreender o fenômeno estudado. No quarto e último tipo, os(as) entrevistados(as) podem ser pessoas numa fila, num

3 Brady (2010) discute a complementaridade das abordagens qualitativa e quantitativa com base em duas definições de observação, respectivamente quantitativas e qualitativas: *data set observations* (DSO) e *causal process observation* (CPO). Não obstante, o termo *data set observations* seria abrangente, englobando observações qualitativas e quantitativas, visto que uma observação isolada de processo causal também pode ser inserida em um *data set* retangular (ou seja, todos os valores de uma linha em um formato retangular). Já para Gerring (2017), observações quantitativas são comparáveis, enquanto as qualitativas, não.

táxi, pessoas que estão em situações corriqueiras que podem espontaneamente compartilhar informações. É útil tomar nota e, se possível, gravar (com consentimento) estas falas, as quais podem trazer informações que seriam possivelmente inacessíveis por outros meios (LYNCH, 2013).

MacDougall e Fudge (2001) expõem três etapas para selecionar informantes: preparar, contatar e acompanhar. A primeira etapa, *preparar*, se inicia com a descrição da amostra: quais são os locais, características e experiências que esses(as) entrevistados(as) deveriam ter, com base nos objetivos da pesquisa? A ideia é segmentar o meio com relação ao tema abordado. Por exemplo, se uma entrevista em profundidade está sendo aplicada para entender a percepção dos indivíduos sobre uma determinada política pública de educação, todos os grupos que podem ser afetados pela intervenção no meio escolar devem ser ouvidos. Esses grupos podem ser os(as) estudantes beneficiados(as), os(as) professores(as), a equipe gestora e técnica da escola e os pais dos(as) estudantes participantes, por exemplo (GASKELL, 2003). Maglia (2020), em sua pesquisa sobre as razões que levaram à criação de mais partidos de direita do que de esquerda no Brasil (de 1990 a 2018), entrevista lideranças de todos os 25 partidos políticos criados. Guimarães (2018), em sua análise sobre o papel das burocratas de nível de rua em uma política pública de abrigamento para mulheres vítimas de violência em Pernambuco, entrevista profissionais em diferentes níveis (educadoras, coordenadoras e diretoras). O objetivo é obter visões diversificadas sobre o tema (DUARTE, 2005).

Tomando como referência o exemplo da política educacional, para que esses grupos possam ser identificados, é necessário que se conheça o meio escolar. Nesse sentido, um primeiro passo do(a) pesquisador(a) seria conversar com alguém que conhece o meio, por exemplo uma pessoa que trabalha em outra escola da rede

de ensino, e conversar com essa pessoa sobre como é a dinâmica escolar, quem seriam os grupos afetados pela política e assim por diante. Quando há o envolvimento de mais de um meio social, a complexidade da seleção aumenta (GASKELL, 2003). Alguns critérios podem ser utilizados para definir os grupos que devem ser inseridos na seleção de entrevistados(as). Um primeiro critério é o sociodemográfico, como idade ou faixa de renda. Outras possibilidades são os grupos estatísticos ou taxonômicos. E há ainda a possibilidade de grupos naturais, que são pessoas que compartilham um passado ou projeto futuro em comum, ou compartilham interesses e valores similares etc. A premissa central é que a fonte possa agregar informação relevante, confiável e diversificada sobre a realidade estudada (GASKELL, 2003; DUARTE, 2005; DWORKIN, 2012).

Depois disso, é necessário encontrar informações sobre a fonte (listar os principais grupos e fontes de informações sobre eles), quais seriam os contatos-chave para alcançar essas pessoas (pessoas que conhecem as comunidades) ou até *champions*, ou seja, pessoas que poderiam recrutar ou ajudar a recrutar entrevistados(as). O passo seguinte dentro dessa etapa é procurar por projetos correlatos ao seu, entrando em contato com colegas ou membros da comunidade e, se existirem, aprender com esses estudos anteriores sobre como eles entrevistaram, quais vínculos foram travados etc. Por fim, é importante fazer seleções alternativas: fazer esse processo para criar cerca de 3 a 4 listas de contatos, caso haja problemas no contato com a seleção inicial (MACDOUGALL; FUDGE, 2001).

Guimarães (2018) e Maglia (2020) trazem exemplos práticos da necessidade de listar contatos alternativos. No primeiro caso, a pesquisadora havia acordado, inclusive em termo assinado, que a Secretaria da Mulher de Pernambuco iria compartilhar o contato de profissionais de diferentes casas abrigos do estado. Como esse acordo não foi cumprido, a autora buscou outros meios de contatar

as profissionais, se valendo de contatos que ela mesma possuía por já conhecer o meio social das casas abrigo. Já Maglia (2020), planejava inicialmente entrevistar os presidentes fundadores de todos os partidos políticos investigados. Contudo, alguns deles haviam falecido e outros não retornaram a tentativa de contato. A autora decidiu, então, entrevistar lideranças que participaram do processo de criação do partido ou que, atualmente, exercem a função de presidentes da legenda.

Na etapa seguinte, *contatar*, é essencial travar uma boa relação com contatos chave, mas sem que haja grande dependência desse contato para realizar as entrevistas. Nesta etapa o passo-a-passo seria o seguinte: 1. abordagem inicial com o contato chave ou *champion* e informá-los de forma breve sobre o objetivo da pesquisa; 2. negociar com esses contatos, procurando o apoio deles; 3. negociação direta, isto é, contato direto com aqueles(as) que serão entrevistados(as); 4. confirmação: definir como será abordagem (por e-mail, por ligação etc.); e 5. envolvimento: se houve acordo para manter contato com essas pessoas. Se sim, há planejamento e recursos para tal? Entrevistados(as) podem ter interesse em conhecer o resultado da pesquisa (MACDOUGALL; FUDGE, 2001). Assim, é essencial considerar o tema estudado e a disponibilidade de tempo e a predisposição das fontes a falar (DUARTE, 2005). A última etapa, *acompanhar*, consiste, de forma geral, em informar participantes sobre resultados da pesquisa; definir meios de comunicação para atualizar sobre o andamento do estudo, se o projeto for contínuo; ou, ainda, convidar participantes para eventos públicos sobre a pesquisa e, por fim; definir algum(a) responsável por possível *advocacy* que seja resultante do projeto (MACDOUGALL; FUDGE, 2001).

Finalmente, quantas pessoas devem ser entrevistadas? Ao contrário da abordagem quantitativa, na qual a representatividade da amostra em relação à população

é crucial, aqui poucas entrevistas podem ser suficientes para obter uma descrição aprofundada do fenômeno analisado (DUARTE, 2005). Existem algumas estimativas de quantidade que variam entre 5 e 50 entrevistas (GASKELL, 2003). Dworkin (2012) sugere um número entre 25 e 30 participantes, o qual permitiria i) examinar certas características ligadas às questões de pesquisa e conceitos; ii) maximizar os dados a serem coletados; e iii) aumentar a probabilidade de que casos e hipóteses negativos sejam explorados (p. 1320). Já Baker e Edwards (2012) sugerem uma variação mais ampla que vai de 12 a 60 entrevistados(as).

Assim, a quantidade de entrevistas ideal depende do escopo da pesquisa, de questões práticas como quantas entrevistas é possível transcrever em um determinado período e quantas entrevistas são necessárias para obter informações úteis para a investigação (BAKER; EDWARDS, 2012; GASKELL, 2003). Uma alternativa é realizar entrevistas até o ponto de saturação, no qual mais entrevistas não adicionam informação útil à pesquisa (GASKELL, 2003; MACDOUGALL; FUDGE, 2001). Esse nível de saturação deve ser reportado, assim como todas as outras etapas da seleção de entrevistados(as) (BLEICH; PEKKANEN, 2013).

O conceito de saturação tem sido bastante debatido no campo da análise qualitativa. Um dos pontos discutidos é de que não há simplesmente um ponto de corte para uma amostra, visto que quanto mais informações são obtidas sobre um objeto, é possível que mais perguntas surjam, dando continuidade à necessidade de mais entrevistas, por exemplo (MINAYO, 2017). O fator essencial é que este número seja justificado com base no seu objeto de pesquisa - em sua complexidade e extensão, mas também apoiado em referências teóricas caras à pesquisa. Mas é essencial lembrar que a definição prévia dos instrumentos, como os tópicos guia ou o número de entrevistas, é importante, mas

não imutável (GASKELL, 2003; MINAYO, 2017). Sendo um processo dinâmico, o(a) pesquisador(a) pode identificar a necessidade de entrevistar mais pessoas a partir das informações obtidas em campo (MINAYO, 2017). Sugiro que, caso o(a) pesquisador(a) defina o número de entrevistas previamente, justifique em seu projeto que esse número pode passar por modificações - tanto por questões práticas, como a impossibilidade de acessar algumas pessoas, quanto pelas razões teóricas já citadas. Se essa mudança ocorrer, ela deve ser justificada e apresentada de forma transparente a(o) leitor(a).

Aplicação de Entrevistas

Uma vez que os instrumentos da pesquisa foram construídos - definição do quê e a quem perguntar - e a proposta de pesquisa já foi devidamente aprovada de acordo com os critérios éticos necessários, é hora de partir para a aplicação prática das entrevistas. A qualidade das informações coletadas em uma entrevista depende sobremaneira de quem entrevista (PATTON, 2002). Assim, o(a) entrevistador(a) precisa ser bem treinado(a) para aplicar esta técnica: habilidade e técnica são fatores essenciais para que uma entrevista seja executada com rigor (BATISTA; DOMINGOS, 2017; PATTON, 2002). Nesta subseção, vou explorar os principais aspectos para a boa execução de uma entrevista em profundidade.

De acordo com Gaskell (2003), entrevistas em profundidade podem durar entre 1 hora e 1 hora e meia. No caso de entrevistas por telefone, embora haja algumas evidências de que seu tempo e profundidade não variam significativamente em relação às entrevistas presenciais (CACHIA; MILLWARD, 2011; IRVINE, 2011; VOGL, 2013), uma duração que ultrapassa 1 hora pode se tornar longa demais nesse formato. Seria recomendável, então, planejar a entrevista para um período menor.

O início da entrevista deve abordar temas leves, nunca se deve iniciar pelo tópico de interesse. É importante que o(a) entrevistado(a) se sinta à vontade para falar. Deve-se criar um ambiente com clima amistoso e que permita o estabelecimento de uma relação de confiança com o(a) pesquisador(a) (BONI; QUARESMA, 2005). Neste ponto, a postura do(a) entrevistador(a) (*rapport*) demonstrando atenção e interesse à fala do(a) entrevistado(a) é crucial (DUARTE, 2005; GASKELL, 2003). Um ponto que merece destaque, e vai além das perguntas, é evitar considerar apenas respostas que confirmam seu argumento (DUARTE, 2005). Na lógica qualitativa, o objetivo é sempre buscar por informações que *desconfirmem ou desafiem* a teoria analisada (GERRING, 2017). Esta postura deve ocorrer não só ao analisar e reportar resultados, mas também na própria execução das entrevistas. Ademais, é importante salientar que essa técnica pode ser realizada não só pessoalmente, mas também por outros meios, como o telefone e a internet (DUARTE, 2005; LEGARD et al., 2003).

Segundo Patton (2002), há seis tipos de perguntas que podem ser feitas em uma entrevista. A primeira delas são perguntas sobre comportamento e experiência do(a) entrevistado(a) para entender as ações e as atividades empreendidas e as experiências vividas pela pessoa em um determinado contexto (“Se eu te seguisse em um dia típico, o que eu veria?”, p. 350). O segundo tipo são perguntas sobre valores e opiniões, no qual o foco sai da ação e vai para o âmbito cognitivo, interpretativo do indivíduo (“No que você acredita?”; “Qual a sua opinião sobre _____?”, p. 350). O terceiro tipo são as perguntas sobre sentimentos. Aqui se lança luz sobre as emoções e não sobre os processos cognitivos da pessoa (“Como você se sente com relação a isso?”, p. 350). O quarto tipo são perguntas de conhecimento, cujo objetivo é identificar o conhecimento factual do(a) entrevistado(a). O quinto tipo

consiste nas perguntas sensoriais que procuram entender os sentidos do(a) informante, ou seja, aquilo que ele(a) viu, tocou, cheirou ou ouviu (“Quando você passa pelas portas do Programa, o que você vê?”, p. 350). Por fim, o sexto tipo são as perguntas que visam entender o contexto e os aspectos demográficos dos indivíduos. Tais perguntas focam em idade, escolaridade e ocupação, por exemplo.

Posto isso, uma etapa central na aplicação de entrevistas é saber como perguntar. Isto é, entender melhor as diferentes técnicas de questionamento. Berry (1991), Boni e Quaresma (2005), Duarte (2005), Gaskell (2003) e Patton (2002) destacam alguns dos principais aspectos com relação às técnicas de questionamento e boas práticas na aplicação de entrevistas, os quais foram sumarizados no quadro 1, a seguir⁴.

Quadro 1: Técnicas para Entrevistas Qualitativas.

Técnica	Descrição
<i>Antes da entrevista</i>	Alguns passos importantes: Rer o roteiro da entrevista e memorizá-lo Considerar a agenda do(a) entrevistado(a), permitir que escolha local/hora mais conveniente Quando sua pesquisa depender de poucas fontes, checar previamente se elas têm interesse e disponibilidade Caso tenham disponibilidade, deixar as fontes mais relevantes para serem entrevistadas por último, quando mais informações já foram levantadas sobre o tema Identificar e buscar reduzir fatores relacionados ao(a) próprio(a) entrevistador(a) (a sua instituição ou o vocabulário usado, por exemplo) que possam influenciar as respostas obtidas
<i>Início da entrevista</i>	Começar com o agradecimento à disponibilidade e participação do(a) entrevistado(a)
<i>Explicar objetivo da entrevista</i>	Explicar para o(a) entrevistado(a) a natureza ou o objetivo da entrevista, mas de uma forma que não gere viés nas respostas obtidas
<i>Autorização para gravar</i>	Se houver gravação, é preciso avisar à(o) respondente antes e pedir a sua autorização, abordando a gravação de forma tranquila. Sempre checar se o gravador está funcionando
<i>Utilizar uma sequência de perguntas</i>	Chamada “técnica de afunilamento”, na qual se fazem perguntas que vão do geral para o específico
<i>Iniciar com perguntas simples</i>	Entrevistas não devem ser iniciadas pelo tópico de interesse, mas sim com perguntas simples e interessantes que deixem o(a) entrevistado(a) à vontade
<i>Fazer perguntas sobre experiência e/ou comportamento antes das perguntas sobre sentimento e/ou opiniões</i>	Ajuda a dar contexto antes de perguntas mais sensíveis
<i>Fazer perguntas claras</i>	Usar um vocabulário familiar ao contexto do(a) respondente, fazer perguntas curtas e evitar jargões
<i>Perguntar uma coisa de cada vez</i>	Fazer várias perguntas de uma vez só pode gerar confusão no(a) entrevistado(a)
<i>Fazer perguntas realmente abertas</i>	As perguntas devem ser feitas de tal forma que o(a) entrevistado(a) tenha espaço para se expressar como quiser. O(a) entrevistador(a) deve dar pausas para que o(a) entrevistado(a) possa pensar em sua resposta. O silêncio também é importante
<i>Fazer sondagem e perguntas de follow-up</i>	O objetivo é aprofundar as respostas dadas e aumentar a quantidade de informações coletadas

⁴ Ver Gaskell (2003), p. 83-84, para alguns exemplos práticos de perguntas, e ver Martin (2013), p. 249 - 253, para exemplo de questionário de entrevista semiestruturada.

<i>Interpretar as perguntas</i>	Fazer perguntas que ajudem a esclarecer ou confirmar declarações dadas pelo(a) entrevistado(a). Por exemplo: “Seria correto afirmar que a sua visão sobre este assunto é ...”
<i>Evitar perguntas sensíveis⁵</i>	Tais perguntas podem deixar o(a) respondente desconfortável e afetar as respostas dadas ou até levar ao encerramento abrupto da entrevista
<i>Estimular respostas livres, mas manter o foco no interesse da pesquisa</i>	Permitir que entrevistados(as) tenham a liberdade para sair um pouco do foco da pergunta, mas direcionar a conversa para os temas que são relevantes para a pesquisa
<i>Rapport</i>	Respeitar a opinião do(a) entrevistado(a), demonstrar interesse na sua resposta etc. Isso pode ser demonstrado por meio das expressões, da postura, dos gestos e do tom de voz adotados por quem entrevista. É recomendado que o(a) pesquisador(a) estude estas técnicas antes de aplicar suas entrevistas. Um conselho geral é demonstrar interesse e atenção no que seu(sua) entrevistado(a) diz, ser educado(a), atencioso(a) e utilizar uma linguagem adaptada ao(à) interlocutor(a)
<i>Atenção à forma como entrevistado(a) responde</i>	Considere adaptar suas perguntas a cada entrevistado(a). Esteja atento(a) e disposto(a) à necessidade de esclarecer algumas palavras que podem não ser conhecidas ou ter um significado distinto para eles(elas). Observe também a linguagem não verbal da fonte (expressões, postura etc.)
<i>Uso do tópico guia</i>	Deve apenas guiar e servir como base para monitorar o andamento da entrevista (tempo, temas abordados etc.). É importante memorizar as perguntas e utilizar os tópicos apenas quando necessário. Foco deve ser na escuta e entendimento do que o(a) entrevistado(a) diz
<i>Encerramento da entrevista</i>	Dar indícios de que vai encerrar a entrevista para que esta não seja finalizada abruptamente Finalizar a entrevista com uma nota positiva de agradecimento e garantia de confidencialidade e dar tempo para que entrevistado (a) “saia” da entrevista Perguntar se o(a) respondente gostaria de fazer algum comentário adicional após o gravador ser desligado Explicar como a informação será usada e o andamento da pesquisa, caso necessário

Fonte: Elaboração própria a partir de Berry (1991, p. 3 - 4), Boni e Quaresma (2005), Duarte (2005), Gaskell (2003) e Patton (2002).

Além desses pontos, Berry (1991) também apresenta nove técnicas adicionais identificadas durante a aplicação de entrevistas com um grupo de estudantes. A primeira delas é *contradição*, isto é, apresentar uma opinião contrária àquela expressa pelo(a) entrevistado(a) para estimular mais comentários sobre o tópico. Uma segunda técnica é *conexão*: conectar o comentário do(a) respondente com o tópico que o(a) pesquisador(a) tem interesse. A terceira é o *falso puzzle*: demonstrar não entendimento da resposta apresentada para que a pessoa elabore melhor seu pensamento. Uma quarta técnica é *desafiar*: pedir mais informações como forma de validar o ponto apresentado pelo(a) respondente. A quinta técnica é o *encorajar* por meio de elogios para que a pessoa continue a falar. A sexta

técnica consiste em *demonstrar compreensão e dar tempo para elaboração*, isto é, reagir às respostas dadas com compreensão e de forma que a pessoa se sinta livre para tecer comentários adicionais sobre o tópico. Uma sétima técnica é o *reconhecimento* que seria repetir a resposta dada pelo(a) entrevistado(a) para demonstrar atenção no que está sendo dito. A oitava técnica é fazer *perguntas diretas* para obter mais informações. Por fim, a nona técnica observada é *buscar por mais detalhes* a partir de perguntas adicionais.

Ademais, vale lembrar que a forma como as entrevistas são aplicadas pode afetar a sua validade e a sua confiabilidade. Algumas estratégias para aumentar a confiabilidade dos dados coletados consiste na qualidade da gra-

⁵ Algumas entrevistas abordam um tema que é sensível de maneira geral, como a ansiedade gerada por vivências com crime/situações de violência, por exemplo. Nesse caso, há a sugestão de usar um tipo específico de entrevista, chamada entrevista de narrativa, na qual o(a) respondente narra um determinado evento da sua vida. Ver Hollway e Jefferson (1997) e Crouch e McKenzie (2006) para uma discussão mais aprofundada.

vação da entrevista (GASKELL, 2003; LEGARD et al., 2003; MOSLEY, 2013). Além da boa prática de garantir meios efetivos para realizar a gravação, pedir autorização do entrevistado para gravar e garantir a confidencialidade das suas respostas, é interessante transcrever a entrevista logo após a sua execução. Isso pode ajudar a esclarecer eventuais dúvidas na transcrição, visto que as informações estarão recentes na memória. Além disso, a gravação poderá ser consultada para verificar a confiabilidade e até a validade das respostas. Dado que uma gravação nem sempre é viável, seja por questões de confidencialidade, por potencial risco ao(a) entrevistado(a) ou a pedido da própria fonte, é recomendável realizar a transcrição logo após o encerramento da entrevista. Portanto, é interessante garantir um espaço de tempo razoável entre as entrevistas para que seja possível complementar as notas feitas durante a entrevista (MOSLEY, 2013). Ademais, a transcrição vai muito além do processo de escrever as falas dos(as) informantes. Os momentos de silêncio, os gestos feitos ao longo da entrevista, a postura, o tom de voz, risos e outros aspectos não verbais do(a) respondente também devem compor a transcrição. Esse conjunto de informações ajuda a compreender os sentimentos e as emoções dos(as) entrevistados(as) (BONI; QUARESMA, 2005).

Para além da gravação, ter o domínio do tema tratado é crucial para identificar possíveis inconsistências nas respostas apresentadas. Também é indicado repetir a entrevista com o mesmo indivíduo e o mesmo roteiro, variando quem entrevista. Ainda, é possível fazer entrevistas de acompanhamento, ou seja, repetir a entrevista com o mesmo indivíduo e verificar como sua resposta varia ao longo do tempo. Essa variação pode decorrer de efeitos do(a) entrevistador(a) ou de mudanças que aconteceram no período entre as entrevistas. É salutar destacar que há um *trade-off* nesse acompanhamento: é preciso escolher entre entrevistar poucas pessoas de forma mais intensa ou mais pessoas em menos vezes. A primeira fortalece validade interna, enquanto a segunda

é útil para a validade externa. Como sempre, a decisão depende do objetivo da sua pesquisa (MOSLEY, 2013).

Por fim, um bom exercício para o(a) leitor(a) é ler transcrições de entrevistas que estejam disponíveis em repositórios acadêmicos e científicos para compreender melhor como essas técnicas são aplicadas na prática. Um exemplo é o projeto “Mulheres na ciência política”, da Associação Brasileira de Ciência Política, no qual foram realizadas 30 entrevistas com pesquisadoras de diferentes áreas de estudo, regiões do país e tempo de carreira, como parte do objetivo da associação de recuperar sua memória institucional e ressaltar as contribuições das cientistas políticas para a área. Todas as transcrições das entrevistas estão publicamente disponíveis⁶. As estudosas foram entrevistadas por outras 23 colegas da área, as quais se basearam em um mesmo roteiro semiestruturado (BIROLI et al., 2020). Assim, é possível observar como a condução da entrevista varia a depender do(a) entrevistador(a) e de quem está sendo entrevistado(a), algo intrínseco a natureza das entrevistas semiestruturadas.

Compilação e Análise dos Dados

Como já discutido, o roteiro que guia a entrevista permite que seja criada uma estrutura para comparação das respostas apresentadas em cada tópico, o que ajuda a sistematizar as informações extraídas, descrever os resultados obtidos e analisá-los em categorias (DUARTE, 2005). Assim como a construção dos tópicos guia deve ser pautada no problema de pesquisa e no objetivo da investigação, a análise dos dados coletados também deve ser teoricamente orientada (DUARTE, 2005; GASKELL, 2003).

O primeiro passo para essa análise é fazer uma transcrição de qualidade e bem detalhada. A transcrição pode

⁶ Os links para as transcrições podem ser acessados na página a seguir: <<https://cienciapolitica.org.br/projetos/projeto-mulheres-ciencia-politica>> (BIROLI et al., 2020).

ser transferida para uma tabela na qual as linhas representam cada entrevistado(a) e as colunas são preenchidas com as respostas dadas a cada pergunta/tópico abordado. Esta estrutura permite identificar com maior facilidade padrões de regularidades entre as respostas. Uma vez que seus dados foram coletados, ou seja, gravados, transcritos e sistematizados, com a sua pergunta de pesquisa em mente você pode avaliar se os dados permitem uma avaliação quantitativa ou qualitativa (GASKELL, 2003).

A abordagem utilizada depende do desenho de pesquisa adotado. As tradições quantitativa e qualitativa têm lógicas diferentes no que tange ao peso que dão às variáveis, divergindo quanto ao seu processo causal e as suas observações (*data set observations x causal process observations*). Na análise quantitativa, as observações têm o mesmo peso e o objetivo é identificar padrões e testá-los em relação à hipótese nula. Na análise qualitativa, os(as) pesquisadores(as) são como detetives que buscam por evidências que possam ajudá-los(as) a resolver um determinado quebra-cabeça. Cada pedaço de informação importa e um único dado pode servir para rejeitar uma explicação (*smoking gun evidence*) (GERRING, 2017).

Desta forma, embora as entrevistas semiestruturadas sejam consideradas uma técnica *qualitativa* de coleta de dados, dados qualitativos também podem ser quantificados. Porém, uma vez que dados qualitativos são transformados em observações quantitativas, não é possível fazer o processo inverso⁷. Ocorre que tal transformação de *quali* para *quanti* significa reduzir informações detalhadas e complexas em dimensões menores que são observadas de forma consistente entre as unidades de análise. Se várias observações do mesmo tipo são geradas, então temos observações quantitativas (GERRING, 2017).

Maglia (2020), por exemplo, a partir das entrevistas com dirigentes das 25 novas legendas partidárias criadas entre 1990 e 2018, identificou três lógicas de criação de novos partidos, segundo a perspectiva das elites: lógica de herança partidária, lógica pragmática e lógica ideológica. Numa ilustração hipotética, a partir dessa classificação e a depender da pergunta de pesquisa, seria possível realizar análises qualitativas com foco nos mecanismos de cada lógica ou transformar essa classificação numa variável categórica, inseri-la em um banco de dados e realizar análises quantitativas sobre se partidos com lógicas diferentes de criação estão associados a maior particularismo ou a variações na performance do governo, por exemplo.

Sob uma perspectiva qualitativa, a análise dos dados - isto é, das falas dos(as) entrevistados(as) - se inicia a partir da busca por temas que possuem conteúdo comum e as respectivas funções desses temas (DUARTE, 2005; GASKELL, 2003). Neste processo, o(a) pesquisador(a) precisará dedicar bastante tempo à análise. Talvez seja necessário revisitar as transcrições e gravações e “reviver a entrevista”, como explica Gaskell (2003). Durante esta etapa, anotar as ideias que se têm ao longo da análise é um ponto importante. Essas notas, assim como a análise de maneira geral, devem sempre estar orientadas pelos objetivos da pesquisa. Por fim, o(a) pesquisador(a) deve procurar não só por padrões, mas também por contradições dentro de um mesmo tópico (GASKELL, 2003).

Esse é um aspecto crucial já que a forma como o(a) pesquisador(a) sistematiza e interpreta os dados pode afetar a sua validade. Isso pode ocorrer, por exemplo, se os dados forem avaliados a partir de um viés que busca confirmar a teoria analisada. Assim, ao reportar os resultados, caso sejam escolhidas respostas específicas, é preciso justificar porque elas foram usadas. Afinal, seria possível escolher *outliers* que tragam informações favoráveis à teoria a ser testada.

7 Embora seja possível retornar ao material original (gravações e transcrições) para análise qualitativa (GERRING, 2017).

Outro fator que influencia a validade é a precisão da informação obtida. Há a possibilidade do(a) informante responder de forma propositalmente evasiva ou errônea. Neste caso, é possível utilizar informações adicionais ou de entrevistas anteriores para validar as respostas obtidas. Usar triangulação, combinando entrevistas com outros materiais empíricos e comparar os achados com o que a literatura sobre o tema ou evidências anteriores indicam, são possíveis caminhos na busca pela precisão das informações coletadas (MINAYO, 2012; MOSLEY, 2013).

De acordo com Minayo (2012), considerar os seus termos estruturantes é aspecto central da análise qualitativa. Os primeiros quatro termos seriam a experiência, a vivência, o senso comum e a ação e se referem ao objeto de estudo da análise. A experiência é a compreensão do indivíduo sobre seu lugar no mundo. Tal compreensão é afetada pela cultura e se expressa na linguagem do indivíduo. Já a vivência seria resultado de uma reflexão, uma interpretação do indivíduo sobre uma experiência, sendo influenciada por traços pessoais. É possível compartilhar uma mesma experiência, mas com vivências distintas. Essa vivência, entretanto, será afetada pelo coletivo. E aí entra o senso comum, definido por Minayo (2012) como um conjunto de conhecimentos que o indivíduo detém a partir das próprias experiências e vivências e se traduz nas crenças, nas opiniões, na forma como os indivíduos pensam e se relacionam. Por conseguinte, o senso comum é a base do que a análise qualitativa investiga. É a expressão dessas vivências e experiências dos indivíduos que será manifestada nas suas atitudes e na sua linguagem. Por fim, a ação estaria ligada à prática de indivíduos, grupos e instituições para construir ou transformar o mundo em que vivem.

Esses quatro substantivos trazidos por Minayo (2012), ajudam a esclarecer para o(a) leitor(a) os desafios enfrentados na análise qualitativa, dada a complexidade do seu objeto de pesquisa. Os dados coletados em uma

entrevista em profundidade são pautados nas percepções, crenças, opiniões e visões de mundo dos indivíduos. Ter isso em mente é crucial para compreender os limites e alcances da análise em si. No argumento de Minayo (2012), essa análise deve ser pautada em dois verbos: compreender e interpretar. Compreender significa se colocar no lugar do outro, considerar sua subjetividade. Além disso, ter em mente que a compreensão do indivíduo sobre sua vida, seu mundo é limitada. Analogamente, a compreensão do(a) pesquisador(a) também o é. As condições e as dificuldades nas quais os(as) pesquisadores(as) chegaram na sua interpretação devem ser apresentadas de forma clara. Toda interpretação possui suas limitações e elas devem ser expostas (MINAYO, 2012).

Numa abordagem quantitativa, a ciência política tem discutido de forma crescente nos últimos anos as possibilidades do texto como dado (*text as data*) (MONROE; SCHRODT, 2008; ROBERTS, 2016). A análise automatizada de texto permitiria estudar fenômenos políticos que se manifestam em formato verbal ou escrito (como discursos em campanhas eleitorais, documentos, debates e proposições legislativas etc.) e que eram antes praticamente impossíveis de investigar pela sua extensão (GRIMMER; STEWART, 2013). Outras vantagens do uso da análise automatizada de texto são: a possibilidade de aplicar diferentes técnicas a despeito do idioma do conteúdo estudado; calcular medidas de incerteza a fim de identificar se há, de fato, diferenças relevantes nos textos e não decorrentes de erro de mensuração ou variação amostral; e diminuir a necessidade de trabalho manual, assim facilitando a replicação dos resultados (IZUMI; MOREIRA, 2018).

Não entrarei em detalhes sobre os diferentes modelos automatizados de análise de texto, já muito bem discutidos em outros estudos⁸. Recomendo que o(a) leitor(a)

8 Ver Grimmer e Stewart (2013), Izumi e Moreira (2018) e as introduções de dois números da *Political Analysis* sobre o tema: Monroe e Schrodtt (2008) e Roberts (2016). Para materiais práticos e didáticos, ver Moreira (2019)

interessado(a) no uso de tais técnicas se aprofunde nos pontos de atenção mais relevantes ao emprego deste tipo de análise. Dito isso, é importante ressaltar que a análise automatizada não substitui o exame minucioso que a leitura dos textos é capaz de trazer. Os chamados *text methods* têm, então, o papel de ampliar e potencializar essa leitura cuidadosa (GRIMMER; STEWART, 2013; IZUMI; MOREIRA, 2018). Ademais, a análise automatizada de conteúdo é um método incorreto de linguagem. Significa dizer que, dada a complexidade da linguagem, todos os modelos quantitativos que buscam analisá-la serão errados em alguma medida. Não é possível simplesmente assumir, assim como para qualquer outro método, que os resultados alcançados são válidos. Portanto, é essencial empregar boas práticas de validação (GRIMMER; STEWART, 2013; ROBERTS, 2016). Ainda, vale destacar que não há um método claramente superior para a análise quantitativa de texto. Como sempre, isso depende primordialmente da pergunta de pesquisa abordada e dos dados em si, para os quais certos métodos podem ser mais adequados que outros (GRIMMER; STEWART, 2013; IZUMI; MOREIRA, 2018).

Por fim, um ponto crucial na análise dos dados gerados pelas entrevistas está relacionado ao uso de métodos qualitativos de forma geral e a maneira como eles são reportados (BLEICH; PEKKANEN, 2013). Como já discutido, nas ciências sociais brasileiras houve um movimento de rejeição dos métodos quantitativos por um lado e de uso inadequado dos métodos qualitativos, por outro (SOARES, 2005). Uma aplicação pouco transparente de uma técnica qualitativa pode reforçar uma desconfiança com os seus resultados. Portanto, ao escrever um artigo científico qualitativo, o passo-a-passo do processo da pesquisa deve ser descrito de forma clara e transparente (CRESCENTINI; MAINARDI, 2009). Bleich e Pekkanen (2013) recomen-

dam que as etapas do desenho de amostra das entrevistas sejam reportadas em detalhes (ex.: a definição da população de potenciais entrevistados(as); quantos(as) entrevistados(as) declararam participação etc.). Além disso, Mosley (2013) destaca que apesar dos desafios para transparência e replicabilidade no uso de entrevistas - como a questão da confidencialidade - demais informações técnicas podem ser providas, como o roteiro das entrevistas ou a descrição das técnicas usadas para conduzi-las.

A ausência de transparência nos estudos qualitativos contribui para a visão de que tais análises são pouco rigorosas e de que dados qualitativos não podem ser considerados evidências (CRESCENTINI; MAINARDI, 2009). Por uma questão de escopo e espaço, não aprofundarei a discussão sobre a necessidade e os limites da transparência e replicabilidade nos métodos qualitativos⁹. No entanto, recomendo que o(a) leitor(a) interessado(a) na aplicação de entrevistas ou qualquer outra técnica qualitativa se familiarize com essa discussão *antes* de realizar sua pesquisa, a fim de reproduzir boas práticas em sua análise.

3. Conclusão

O que são entrevistas semiestruturadas? Como elas podem ser usadas na ciência política? Ao longo deste artigo procurei responder a essas duas perguntas a partir de uma perspectiva prática e didática da utilização de entrevistas semiestruturadas. Alguns aspectos frisados no texto merecem ser revisitados. O primeiro deles é que as entrevistas semiestruturadas são uma técnica *qualitativa* utilizada para *coletar dados*. Sendo assim, seu foco

(em português) e Silge e Robinson (2020) (em inglês). O primeiro ainda está em construção, mas traz um material introdutório interessante. O segundo é atualizado constantemente.

⁹ Para uma visão mais aprofundada sobre o tema ver Elman et al. (2018) e os websites *Qualitative Data Repository* e *Qualitative Transparency Deliberations on behalf of the APSA Section for Qualitative and Multi-Method Research*, especialmente a seção “Evidence from researcher interactions with human participants”.

recai nas crenças, percepções, atitudes, emoções e assim por diante. Uma vez coletados, esses dados podem ser analisados em uma abordagem qualitativa ou quantitativa. Um outro ponto importante é a interação entre flexibilidade e estrutura desse tipo de entrevista e as consequências que isso tem para a validade e confiabilidade dos dados coletados. É muito importante que o(a) leitor(a) tenha essas limitações em mente aos construir seus instrumentos de pesquisa e ao analisar os dados. Ainda, algo que permeia o uso das técnicas de entrevistas, e de qualquer outra técnica, é o lastro em teoria e o foco no problema de pesquisa. Desde a construção do roteiro à análise dos dados, o debate teórico e a pergunta a ser respondida guiam a pesquisa. Finalmente, por ser uma técnica de interação entre pessoas, há diversas questões éticas associadas ao uso de entrevistas. O(a) pesquisador(a) deve estar atento(a) a todas elas, não só no seu aspecto formal - no que diz respeito à documentação necessária e à eventual aprovação em comitês de pesquisa, mas também a todo o processo de planejamento e execução de entrevistas.

Retomando as discussões iniciadas por Soares (2005), espero ter trazido duas contribuições subjacentes a esse estudo. Em primeiro lugar, técnicas qualitativas são tão relevantes quanto técnicas quantitativas de coleta e análise dos dados. Existem diversas áreas de estudo da ciência política que podem se beneficiar do uso desta técnica. Especialmente quando abordamos objetos de pesquisa ainda poucos explorados na disciplina. Nesse sentido, estudos que utilizam entrevistas em profundidade podem contribuir sobremaneira para o avanço das agendas de pesquisa. Por outro lado, entrevistas semiestruturadas - ou qualquer outra técnica qualitativa - não devem ser utilizadas por simples afinidade ou por rejeição ao uso de técnicas quantitativas. A escolha do método a ser usado deve ser

tecnicamente guiada. A ausência de abordagens quantitativas *não* configura o uso de métodos qualitativos. Analogamente, simplesmente perguntar algo a alguém também não significa usar entrevistas em profundidade. Para que resultados válidos e confiáveis sejam alcançados, a técnica em questão precisa ser aplicada de forma rigorosa e transparente.

Dito isso: a partir de agora, como seguir? Se você verificou que entrevistas semiestruturadas são adequadas para a sua pergunta de pesquisa e deseja incluí-la em seu desenho, minha sugestão é simples: procure aprender mais sobre a técnica. Neste artigo, eu trouxe aspectos gerais do uso de entrevistas, mas há diversas questões importantes que, por escopo e espaço, não foram devidamente aprofundadas. Felizmente, existe um bom número de estudos sobre cada uma das etapas de execução de uma entrevista (ex.: como definir a quantidade de entrevistas que devem ser feitas ou como e quais perguntas fazer) (BERRY, 1999; BAKER; EDWARDS, 2012; DWORKIN, 2012; LUCAS, 2012; PATTON, 2002). Como já citado, há também alguns trabalhos nos quais pesquisadores(as) compartilham experiências e aprendizados ao aplicar técnicas de entrevista (BERRY, 1999; MOSLEY, 2013; ROULSTON et al., 2003; SIONEK et al., 2020). Ler esses trabalhos pode ajudar a replicar boas práticas e evitar erros. Acho também interessante ler esse tipo de produção, bem como alguns roteiros de entrevistas, para observar exemplos práticos da aplicação da técnica. Lembre-se, no entanto, que uma das recomendações é testar os instrumentos em campo. Ou seja, você tem a oportunidade de testar um roteiro preliminar e aprender a partir dele.

Com isso, além de apresentar a técnica de entrevistas semiestruturadas e propor diretrizes práticas que facilitem o uso informado do método, a ideia é que

este artigo possa contribuir por meio de um material introdutório para a mudança do paradigma ainda incipiente de treinamento mais formal em métodos qualitativos no Brasil (SOARES, 2005; BARBERIA et al., 2014). Tal cenário também está presente em programas de pós-graduação internacionais (MOSLEY, 2013). Esses casos têm em comum uma lacuna em formação adequada em métodos qualitativos, gerando um ciclo vicioso no qual o uso inadequado das técnicas e a falta de treinamento para melhorar sua aplicação acabam por alimentar uma visão equivocada das técnicas qualitativas como fáceis e pouco rigorosas. A expectativa é que este trabalho possa ajudar a informar estudantes e pesquisadores(as) interessados(as) na aplicação da técnica de entrevistas semiestruturadas, bem como que ele possa, em alguma medida, inspirar outras pesquisas focadas em produzir material pedagógico e promover treinamento mais rigoroso na área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKER, Sarah Elsie.; EDWARDS, Rosalind. (2012), "How many qualitative interviews is enough? Expert voices and early career reflections on sampling and cases in qualitative research", *National Centre for Research Methods Review Paper*.
- BARBERIA, Lorena; GODOY, Samuel Ralize de; BARBOZA, Danilo. (2014), "Novas Perspectivas sobre o 'Calcanhar Metodológico': O Ensino de Métodos de Pesquisa em ciência política no Brasil", *Teoria & Sociedade*, vol. 22, no. 2: 156-186.
- BATISTA, Mariana. (2017), *A Difusão da Lei de Acesso à Informação nos municípios brasileiros: fatores internos e externos*. Brasília, Fundação Escola Nacional de Administração Pública (Enap).
- BATISTA, Mariana.; DOMINGOS, Amanda. (2017), "Mais que boas intenções: Técnicas quantitativas e qualitativas na avaliação de impacto de políticas públicas", *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 32, no. 94.
- BECKER, Brittney. (2012), "The Grounded Theory Method and its uses for Political Science", in B. Becker; G. Kaufmann (org.), *Series of Paper: Methods of Field Research*.
- BERRY, Rita S. Y. (1999), "Collecting data by in-depth interviewing". *British Educational Research Association Annual Conference*, University of Sussex, Brighton, UK. September 2 – 5.
- BIROLI, Flávia; GUARNIERI, Fernando; TATAGIBA, Luciana. (2020), *Projeto Mulheres na Ciência Política*. Disponível em < <https://cienciapolitica.org.br/projetos/projeto-mulheres-ciencia-politica> >. Acessado em 14 out. 2020.
- BLEICH; Erik; PEKKANEN, Robert. (2013), "How to report interview data", in L. Mosley (org.), *Interview Research in Political Science*, Ithaca, Cornell Univ. Press.
- BONI, Valdete; QUARESMA; Sílvia Jurema. (2005), "Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais", *Em Tese*, vol. 2, no. 1.
- BRADY, Henry E. (2010), "Data-set observations versus causal-process observations: the 2000 U.S. presidential election 2010", in: H. Brady; D. Collier. (org.). *Rethinking Social Inquiry: Diverse Tools, Shared Standards*. Lanham, Rowman & Littlefield Publishers.
- BROOKS, Sarah M. (2013), "The Ethical Treatment of Human Subjects and the Institutional Review Board Process", in L. Mosley (org.), *Interview Research in Political Science*, Ithaca, Cornell Univ. Press.
- CACHIA, Moira; MILLWARD, Lynne. (2011), "The telephone medium and semi-structured interviews: a complementary fit", *Qualitative Research in Organizations and Management*, vol. 6, no. 3.
- CHARMAZ, Kathy; BELGRAVE, Linda Liska. (2015), "Grounded Theory", in G. Ritzer. (org.), *The Blackwell Encyclopedia of Sociology*, John Wiley & Sons, Ltd.
-

- CRESCENTINI, Alberto; MAINARDI, Giuditta C. A. (2009), “Qualitative research articles: guidelines, suggestions and needs”, *Journal of Workplace Learning*, vol. 21, no. 5: 431-439.
- CROUCH, Mira; MCKENZIE, Heather. (2006), “The logic of small samples in interview-based qualitative research”, *Social Science Information*, vol. 45, no. 4: 483-499.
- DUARTE, Jorge. (2005), “Entrevista em profundidade”. in J. Duarte; A. Barros (org.), *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*, São Paulo: Atlas.
- DWORKIN, Shari L. (2012), “Sample Size Policy for Qualitative Studies Using In-Depth Interviews”, *Archives of Sexual Behavior*, vol. 41, no. 6.
- ELMAN, Colin; KAPISZEWSKI, Diana; LUPIA, Arthur. (2018), “Transparent Social Inquiry: Implications for Political Science”, *Annual Review of Political Science*, vol. 21: 29-47.
- GASKELL, George. (2003), “Entrevistas Individuais e Grupais”, in M. W. Bauer; G. Gaskell (org.), *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático*. Petrópolis, Editora Vozes.
- GERRING, John. (2017), “Qualitative Methods”, *Annual Review of Political Science*, vol. 20, no. 2.
- GLASER, Barney G.; STRAUSS, Anselmo L. (2006 [1976]), *The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research*. USA, AldineTransaction.
- GLYNN, Adam N.; ICHINO, Nahomi. (2015), “Using Qualitative Information to Improve Causal Inference”. *American Journal of Political Science*, vol. 59, no. 4:1055–1071.
- GOERTZ, Gary; MAHONEY, James. (2012), *A Tale of Two Cultures: Qualitative and Quantitative Research in the Social Sciences*. Oxfordshire, Princeton University Press.
- GRIMMER, Justin; STEWART, Brandon. M. (2013), “Text as Data: The Promise and Pitfalls of Automatic Content Analysis Methods for Political Texts”, *Political Analysis*, vol. 21: 267–297.
- GUIMARÃES, Natália Cordeiro. (2018), “Profissionais no olho do furacão: o papel das educadoras sociais na implementação da política de abrigamento para mulheres ameaçadas de morte em Pernambuco”. *Dissertação de Mestrado*. Universidade federal de Pernambuco.
- GUSTAFSSON, Karl; HAGSTROM, Linus. (2018), “What is the Point? Teaching graduate students how to construct political science research puzzles”, *European Political Science*, vol. 17: 634-648.
- HERTEL, Shareen; SINGER, Mathew M.; LEE VAN COTT, Donna. (2009), “Field Research in Developing Countries: Hitting the Road Running”, *PS: Political Science and Politics*, vol. 42, no. 2: 305-309.
- HOLLWAY, Wendy; JEFFERSON, Tony. (1997), “Eliciting Narrative Through In-depth Interview”, *Qualitative Inquiry*, vol. 3, no. 53.
-

- HORTON, Joanne; MACVE, Richard; STRUYVEN, Geert. (2004), "Qualitative Research: Experiences in Using Semi-Structured Interviews", in HUMPHREY, Christopher; LEE, Bill (org.), *The Real Guide to Accounting Research*, Elsevier Science.
- IRVINE, Annie. (2011), "Duration, Dominance and Depth in Telephone and Face-to-Face Interviews: A Comparative Exploration", *International Journal of Qualitative Methods*.
- IZUMI, Maurício. MOREIRA; Davi. (2018), "O texto como dado: desafios e oportunidades para as ciências sociais", *Revista Brasileira de Informações Bibliográficas em Ciências Sociais - BIB*.
- KALLIO, Hanna, PIETILÄ, Anna-Maija; JOHNSON, Martin; KANGASNIEMI. (2016), "Systematic methodological review: developing a framework for a qualitative semi-structured interview guide", *Informing Practice and Policy Worldwide through Research and Scholarship*.
- KING, Gary; KEOHANE, Robert O.; VERBA, Sidney. (1994), *Designing Social Inquiry: Scientific Inference in Qualitative Research*, New Jersey, Princeton University Press.
- LEGARD, Robin; KEEGAN, Jill; WARD, Kit. (2003), "In-depth Interviews", in J. Ritchie; J. Lewis (org.), *Qualitative Research Practice: A Guide for Social Science Students and Researchers*. SAGE Publications, London.
- LOTTA, Gabriela; PEREIRA, Guilherme Nunes; BICHIR, Renata Mirandola. (2018), "Policy implementation in the intramunicipal level: the case of the Social Assistance Departments of the city of São Paulo", *Revista Brasileira de Políticas Públicas e Internacionais*.
- LUCAS, Samuel R. (2012), "Beyond the existence proof: ontological conditions, epistemological implications, and in-depth interview research", *Qual Quanti*.
- LYNCH, Julia. F. (2013), "Aligning Sampling Strategies with Analytic Goals", in L. Mosley (org.), *Interview Research in Political Science*, Ithaca, Cornell Univ. Press.
- MACDOUGALL, Colin; FUDGE, Elizabeth. (2001), "Planning and Recruiting the Sample for Focus Groups and In-Depth Interviews", *Pearls, Pith and Provocation*.
- MAGLIA, Cristiana. (2020), "Novos Partidos de Direita no Brasil (1990-2018): Ideologia, Estrutura Institucional e Mercado Eleitoral", *Tese de Doutorado*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação de Ciência Política.
- MAHONEY, James. (2010), "After KKV: The New Methodology of Qualitative Research", *World Politics*, vol. 62, no. 1: 120-147.
- MARTIN, Cathie Jo. (2013), "Crafting Interviews to Capture Cause and Effect", in L. Mosley (org.), *Interview Research in Political Science*, Cornell Univ. Press: Ithaca.
- MARSHALL, Martin N. (1996), "Sampling for qualitative research", *Family Practice*, vol. 13, no. 6: 522-525.
-

- MINAYO, Maria Cecília de Souza. (2012), “Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade”, *Ciência e Saúde Coletiva*, vol. 17, no. 3: 621-626.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. (2017), “Amostragem e Saturação em Pesquisa Qualitativa: Consensos e Controvérsias”, *Revista Pesquisa Qualitativa*, vol. 5, no. 7: 1-12.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; GUERRIERO, Iara Coelho Zito. (2014), “Reflexividade como Éthos da Pesquisa Qualitativa”, *Ciência e Saúde Coletiva*, vol. 19, no. 4: 1103-1112.
- MONROE, Burt L.; SCHRODT, Philip A. (2008), “Introduction to the Special Issue: The Statistical Analysis of Political Text”, *Political Analysis*, vol. 16: 351-355.
- MOREIRA, Davi. (2019), *Text as Data para Ciências Sociais: guia prático com aplicações*. Disponível em: <https://bookdown.org/davi_moreira/txt4cs/>. Acessado em: 12 Jul. 2020.
- MOSLEY, Layna. (2013), *Interview Research in Political Science*. Cornell Univ. Press: Ithaca.
- PATTON, Michael Quinn. (2002), *Qualitative Research and Evaluation Methods*. Thousand Oaks, Sage Publications: USA.
- QUALITATIVE DATA REPOSITORY. (2020), *The Qualitative Data Repository*. Disponível em <<https://qdr.syr.edu/>>. Acessado em 14 Jul. 2020.
- QUALITATIVE TRANSPARENCY DELIBERATIONS ON BEHALF OF THE APSA SECTION FOR QUALITATIVE AND MULTI-METHOD RESEARCH. *Home*. Disponível em <<https://www.qualtd.net/>>. Acessado em: 14 Jul. 2020.
- RAGIN, Charles C. (2008), *Redesigning Social Inquiry: Fuzzy Sets and Beyond*. Chicago and London, University of Chicago Press.
- REZENDE, Flavio da Cunha. (2011), “A “Nova Metodologia Qualitativa” e as Condições Essenciais de Demarcação entre Desenhos de Pesquisa na ciência política Comparada.”, *Revista Política Hoje*. vol. 20, no. 1.
- ROBERTS, Margaret E. (2016), “Introduction to the Virtual Issue: Recent Innovations in Text Analysis for Social Science”, *Political Analysis*, vol. 24, no. v10: 1-5.
- ROCHA, Camila. (2019), ““Imposto é Roubo!” A Formação de um Contrapúblico ultraliberal e os Protestos Pró-Impeachment de Dilma Rousseff”, *Dados*, vol. 62, no. 3: 1-42.
- ROULSTON, Kathryn; DEMARRAIS, Kathleen; LEWIS, Jamie B. (2003), “Learning to Interview in the Social Sciences”, *Qualitative Inquiry*, vol. 9, no. 4: 643-668.
- SILGE, Julia; ROBINSON, David. (2020), *Text Mining with R: A Tidy Approach*. Disponível em: <<https://www.tidytextmining.com/>> acessado em 12 jul. 2020.
- SIONEK, Luiza; ASSIS, Dafne Thaissa Mineguel; FREITAS, Joanneliese de Lucas. (2020), ““If I had known, I wouldn’t have come”: Implications and Challenges of Qualitative Interview”, *Psicologia em Estudo*, vol. 25.
-

- SOARES, Glaucio. (2005), "O Calcanhar Metodológico da ciência política no Brasil", *Sociologia, Problemas e Práticas*, no. 48: 27-52.
- TANSEY, Oisín. (2007), "Process Tracing and Elite Interviewing: A Case for Non-probability Sampling", *PS: Political Science & Politics*, vol. 40, no. 4: 765-772.
- VEIGA, Luciana; GONDIM, Sonia Maria Guedes. (2001), "A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no Marketing Político", *Opinião Pública*, vol. 7, no. 1.
- VOGL, Susanne. (2013), "Telephone Versus Face-to-Face Interviews: Mode Effect on Semistructured Interviews with Children", *Interviewing and Survey Analytic Methods*, vol. 43, no. 1: 133-177.
- WENGRAF, Tom. (2001), *Qualitative Research Interviewing*, Thousand Oaks, Sage Publications: USA.
- WOOFFITT, Robin; WIDDICOMBE, Sue. (2006), "Interactions in Interviews", in P. Drew; G. Reymond; D. Weinberg (org.), *Talk and Interaction in Social Research Methods*. SAGE Publications: London.
-

From theory to analysis: An introduction to using semi-structured individual interviews in political science

Virgínia Rocha - Universidade Federal de Pernambuco

Abstract

What are semi-structured interviews? How can they be used in political science? In this article, I discuss the main defining aspects of in-depth interviews as qualitative data collection techniques focused on understanding the emotions, beliefs, perceptions, motivations, and attitudes of individuals. Specifically, I deal with the combination of structure and flexibility present in semi-structured interviews and discuss the consequences of this for the validity and reliability of the collected data. Next, I present a practical guide to the application of this method in political science. I discuss the main stages of the use of semi-structured interviews, from theory to data analysis, bringing practical examples and permeating relevant discussions in the area, such as the debate between quantitative and qualitative traditions and the need for transparency in the application of interviews and qualitative research in general. The expectation is to offer introductory content to students and researchers in the area and, thus, contribute to advance in formal training and rigorous use of qualitative techniques, both still incipient in Brazil.

Keywords: semi-structured interviews; individual interviews; in-depth interviews; qualitative methods; data collection.

1 . Introduction¹

“At a minimum, qualitative data are trotted out by way of illustration; at a maximum, qualitative data are essential to causal inference.” (GERRING, 2017, p. 29). The importance and benefits of using qualitative data for inferences in political science have been increasing (GOERTZ; MAHONEY, 2012; GERRING, 2017; MOSLEY, 2013). In this context, in-depth interviews may be used in several fields of the discipline. To cite only a few examples, Batista (2017) combines statistical analysis with semi-structured interviews with municipal and federal managers, in a multimethod approach, to understand the greatest incentives and challenges in diffusing the Access to Information Law in Brazilian municipalities. Lotta et al. (2018), when investigating the implementation of the Social Assistance Supervision (SAS) in São Paulo, conducted semi-structured interviews with Supervisors from three different regions to better understand the functioning of the SASs in the city, thus gaining greater knowledge of this social milieu. Maglia (2020) interviewed leaders of the 25 parties created in Brazil between 1990 and 2018 aiming to identify, in the perception of respondents, the motivations for creating these new parties.

Despite its contribution, qualitative methods teaching is still a long way from desirable in Brazil. The situation is analogous with the rigorous use of qualitative techniques of collection and data analysis (SOARES, 2005; BARBERIA et al., 2014). This situation is not specific to Brazil. Mosley (2013) argues that the notion that interview techniques are less useful or relevant may be a consequence of the absence of more formal training in these methods. Despite being broadly used in fields

such as sociology, history, anthropology, psychology, among others, political scientists have few methodological references regarding the use of interviews in the discipline.

Moreover, there are epistemological issues associated with the use of qualitative methods in political science. Specialists highlight the “positivist – interpretivist” continuum. The former, although recognizing the complexity of social reality, defend the identification of cause-effect relationships and empirically testable, falsifiable hypotheses. They also consider that both quantitative and qualitative methods are useful in this endeavor. Given social reality, interpretivists argue it would be impossible to generate knowledge without considering the historical context and power relations (MOSLEY, 2013).

The implications of this in the use of interviews is that interpretivists highlight the challenges of creating distance between the knowledge and context of the interviewer from the collection and systematization of data created from interviews. For those in a more purely positivist position, interviews are ways to objectively test or generate falsifiable hypothesis. This does not mean that they disregard issues such as interviewer effects, that is, that the interviewer’s behavior or characteristics may affect the answers received, but that interpretivists are more sensible to the nuances of this process than positivists are. Currently, political science is predominantly positivistic, which affects the main challenges faced in the use of interviews in the field (LYNCH, 2013; MOSLEY, 2013).

For this paper, I write from a more positivistic perspective regarding the use of semi-structured interviews, while recognizing the importance of concerns about how the relationship between interviewer and informant may affect the data collected. Therefore, I mobilize here interdisciplinary references that help

¹ I would like to thank the peer-reviewers who evaluated this paper for their excellent comments, the colleagues who suggested improvements on prior versions of this study, Palloma Marciano and Rebeca Rocha in particular, and CAPES for the financial support via PhD grant. Of course, any error in this work is entirely my own responsibility.

clarify the complexity of this technique. Still from a positivistic perspective, I understand qualitative and quantitative analyses as complementary. In that sense, since the arguments made by King et al. (1994), several studies have demonstrated the need to understand qualitative and quantitative approaches not from a quantitative paradigm, as the cited authors do, but according to the specificities and distinct goals of each method (BRADY; COLLIER, 2010; GERRING, 2017; GOERTZ; MAHONEY, 2012; MAHONEY, 2010; RAGIN, 2008). This perspective does not imply the absence of scientificity standards in qualitative analysis, but that they differ from those established in the quantitative approach (MINAYO, 2017).

Thus, I present general discussions on in-depth interviews, but with a focus on the semi-structured approach, which is the most frequent interview technique in qualitative analyses (KALLIO et al., 2016). I seek to answer the following questions: *what are semi-structured interviews? How can they be used in political science?* The goal is to bring forth the main aspects of individual semi-structured interviews as qualitative technique of data collection (BERRY, 1999; DUARTE, 2005) and present an introduction to their use. Although there are several works, including in the form of manuals or guides, on how to conduct interviews, they are generally for the social sciences, with a greater emphasis on sociology or anthropology (BONI; QUARESMA, 2005; DUARTE, 2005; GASKELL, 2003; LEGARD et al., 2003; MINAYO, 2012), focused on specific steps of interview execution (BERRY, 1999; CROUCH; MCKENZIE, 2006; DWORKIN, 2012; KALLIO et al., 2016; MARSHALL, 1996) or, when they encompass the technique as a whole, are books that go into detail of each aspect of the method in different chapters (MOSLEY, 2013; WENGRAF, 2001).

Evidently, these studies are important and bring valuable recommendations to the matter at hand, but some material that synthesizes the main overall aspects of the qualitative interview technique with a focus on its application for political science is needed. Content such as this are relevant both to try and fill the clear gap in didactic materials on the topic in the aforementioned field, and to offer technical support for the decision researchers make regarding which method they must use. If, in Brazil, the choice in method to be applied in research has often been defined by an academic's affinity with the methodology or their pre-conceived notions, the idea is that it starts being technically founded (MARSHALL, 1996; REZENDE, 2011). Consequently, the expectation is that this article can contribute so that students and researchers in the field who are unfamiliar with this approach may find here an overall view on its application and gain enough knowledge to i) evaluate the appropriateness of this technique to their research problem and, if it is suitable, ii) have initial references to deepen their knowledge about the technique and use it with the necessary rigor. Thus, I accept the trade-off of dealing with some issues more superficially so that it is possible to cover all essential stages in using interviews – from theory to analysis.

That being said, the paper is organized thusly. Apart from this introduction, in the second section, I present the semi-structured approach *vis-à-vis* other interview techniques, highlighting the main aspects that differentiate it from the others and what are the key challenges for its execution. In the third section, I detail the main stages in using interviews – theory, script/interview guide, interviewee selection, conducting interviews, and consolidation and data analysis. I focus on central discussions for each step in the process and give practical examples from the field that use the technique. In the last and final section, I present final discussions and conclude the paper.

2 ■ Semi-structured interviews: What are they and why do they matter?

Interviews make it possible to ask that which we cannot observe: feelings, intentions, and thoughts, for example. Thus, interviews are conducted to understand others' perspectives, from the assumption that such a perspective is "meaningful, knowable, and able to be known and made explicit" (PATTON, 2002, p. 341). They enable the better understanding of causal mechanisms, may serve as main data source, and may generate data that will be quantitatively analyzed at a later date (LYNCH, 2013; MOSLEY, 2013). In addition, in-depth interviews are appropriate when the goal is a detail description of social environment to understand it, when one wants to use the results to develop a conceptual framework for subsequent research, or to test concepts. That is, using the data collected to test expectations generated outside an established theory (GASKELL, 2003).

There are several interview classifications. A first relevant distinction is among individual and group interviews. Although they share general guidelines, given that both use the semi-structured approach (GASKELL, 2003; HERTEL, 2009; MOSLEY, 2013), they have some specificities. Group interviews or focal groups also have a focus on individuals' behavior, attitudes, and opinions, but under the perspective of consensus construction and reaction to points of divergence. Some scholars argue that group interviews are preferable to individual ones, because they enable the observation of how individuals interact and react to situations of conflict, as well as the possibility of using extra resources (projections, metaphors, etc.) (GASKELL, 2003). However, it is important to weigh the logistical costs that they required and their methodological limitations (HERTEL, 2009).

On the other hand, for individual interviews, the possibilities are diverse: survey, counseling, diary interview, life story, ethnographic, unstructured/informal, and conversation interviews. It is also possible to define interviews by three main approaches: informal conversation interview, general interview guide approach, and standardized open-ended interview (BERRY, 1999; PATTON, 2002). The first type refers to an interview style of continued conversation, also known as unstructured or ethnographic interview, appropriate for a more fluid exploration a topic of interest, being typically used in ethnography and participant observation (DUARTE, 2005; PATTON, 2002). Its results may even assist in constructing semi-structured scripts or questionnaires for later close-ended interviews (DUARTE, 2005). In the second type, the interview is guided by a kind of topic list, with the goal of ensuring that all relevant points are covered. In this way, it is an adequate approach to acquire specific information regarding the object of study. Lastly, in the final approach the questions are more systematically structured and the goal is to reduce the degree of variation in the responses given by the interviewers for each question (BERRY, 1999; GASKELL, ; WOOFFITT; WIDDICOMBE, 2006).

Overall, we then have open-ended, semi-open, or close-ended interviews, with the first two, respectively, being interviews guided by a central theme and a base-script. Both have an in-depth approach, being qualitative. Close-ended interviews are, in their majority, quantitative and have a linear approach (DUARTE, 2005). In the qualitative technique, the order of the questions and words used may vary, whereas in the quantitative, the order and words used matter and must be standardized (WOOFFITT; WIDDICOMBE, 2006). In this article, I will deal with semi-structured interviews, that is, qualitative, in-depth, semi open-ended interviews (DUARTE, 2005).

So, what is, after all, a semi-structured interview? It is a “conversation with purpose” (LEGARD et al., 2003), being a *qualitative methodology of data collection*. A semi-structured interview has the central goal of investigating different perspectives and points of view about a fact, through the interviewees’ understanding of reality (GASKELL, 2003). Contrary to quantitative research, which focuses on generalization and average effects (GERRING, 2017; GOERTZ; MAHONEY, 2012), this method focuses on symbols, meanings, beliefs, attitudes, values, and motivations (GASKELL, 2003; LEGARD et al., 2003; DUARTE, 2005).

Beyond this general definition, these interviews may be defined according to some main characteristics (LEGARD et al., 2003). One first aspect is that they present a combination between structure and flexibility: as they follow an interview guide or a script with the main themes to be discussed (structure), the researcher has the freedom to go back to a previous question and go deeper in a certain topic, etc. (flexibility). It is different from a survey structured questionnaire, but it has structure via the interview guide or its script (DUARTE, 2005; LEGARD et al., 2003). Therefore, two other characteristics are highlighted: the interactive nature and the possibility to dive deeper into questions. In the former, the semi-structured interview is the product of the interaction between the researcher and the interviewee. In the latter, the interviewer seeks to deepen the answers received with follow-up questions, that is, questions that ask the interviewee to elaborate on an answer given to a certain topic (LEGARD et al., 2003) (e.g., “could you tell me more about that?” (GASKELL, 2003)).

Some questions are derived from the interactive nature of the technique, as the format of the interview affects the data collected and the effects caused by the researcher themselves in the answers obtained. In the former, it is argued that the interview may not

only map pre-existing opinions, but also participate in forming that perception. In other words, it is a method that more than understanding perceptions, also generates knowledge and information. This happens because the individual may be questioned on issues they had never thought of before (CROUCH; MCKENZIE, 2006; LEGARD ET AL., 2003). Therefore, interviews may be considered a process of co-construction of data, insofar as there is a construction of reality and feelings (BERRY, 1999; GASKELL, 2003; ROULSTON ET AL., 2003; SIONEK ET AL., 2020). In the latter, related to the so-called interviewer effects, the behavior of who interviews, their language and nuances, may affect the answers received and, consequently, the data collected. That is why variation in rapport is one of the problems associated with the interactive nature of interviews (MOSLEY, 2013). Thus, recording interviews is essential, given that taking notes throughout the process may affect the data (LEGARD et al., 2003).

The issue of interviewer effects is considered positivistic and it is manifested in two ways. The first is related to how interviewees see who is interviewing and, potentially, change their answers because of it. The second considers the interviewer’s biases when interpreting the answers received, which will be influenced not just by the theory, but also by their own context and perceptions. To interpretivists, this is connected to how the interviewer positions themselves in relation to the interviewee, being aware of all these variations (MOSLEY, 2013). Some specialists highlight issues of intersubjectivity and reflexivity. Thus, there is the comprehension that the interviews enable the creation of a material, not just data collection (MINAYO; GUERRIERO, 2014).

It is worth highlighting, also, that semi-structured interviews may be used in a mixed-method approach (DUARTE; 2005; GASKELL; 2003; LYNCH, 2013).

In the same interview, it is possible to use qualitative and quantitative questions (DUARTE, 2005). Moreover, the alternative of using group interviews exists, to observe opinions and processes of consensus and divergence combined with individual interviews to better understand an individual's motivations and particular context (GASKELL, 2003). Consequently, in-depth interviews may be applied in combination with other methods, whether to support a survey design, for example, and provide aid to its interpretation, or to gather contextual information in order to understand the results of a research (*ibidem*).

In political science, in-depth interviews are also commonly used to construct field experiments (GERRING, 2017). Qualitative information can also be used to improve causal inference in designs that use quasi-experimental techniques, such as matching, for instance. They assist in the reduction of measurement errors, enable the construction of a qualitative confidence interval on effect size, and help to handle confounders (GLYNN; ICHINO, 2015). Within qualitative methods, there is also the use of elite interviews in process-tracing designs (TANSEY, 2007).

In addition to these areas, in-depth interviews may be used as qualitative technique for evaluating the impact of public policies (BATISTA; DOMINGOS, 2017), in the field of political marketing (VEIGA; GONDIM, 2001), and in studies on several other topics such as lobbying, violence experienced during war, the preferences of businesspeople regarding welfare policies (MOSLEY, 2013), studies on the implementation of public policies (GUIMARÃES, 2018, LOTTA et al., 2018) and, in addition, the study of political parties in Brazil (MAGLIA, 2020; ROCHA, 2019), to name a few.

In evaluations, interviews of this kind are especially relevant to understand how the impact of a program

affects each person differently (BATISTA; DOMINGOS, 2017). That is, understanding the perspectives of participants in a given program, the team that implements the program, and other groups relevant to the execution of a public policy or social program. To do so, the use of this technique sheds light on people's experiences with the program, how they perceive and feel about the actions developed and so on (PATTON, 2002). In that same vein, a study on the implementation of a specific policy focusing on street-level bureaucrats, such as the one by Guimarães (2018), helps with observing different relevant aspects of the perspectives of people directly responsible for delivering that service to beneficiaries. In political marketing, exploring a person's life experiences and routines may assist in better understanding their views on politics. In common is the focus on beliefs, decision, values, expectations, desires, etc. It is an "asymmetrical dialogue" for which the interviewer seeks to collect data and the interviewee is the information source. The focus, then, lies on the interviewee's speech (BATISTA; DOMINGOS, 2017; VEIGA; GONDIM, 2001).

Therefore, in lieu of more immersive studies, such as participant interviews, the application of interviews in political science tend to be more concise, more precise. Insofar that affects scope, it also influences the internal validity of the data collected. On the other hand, there may be external validity gains, through the possibility of contemplating more social groups or places. Thus, there are four main challenges for the application of interviews in political science: ethics, sampling (interviewee selection), validity, and reliability (MOSLEY, 2013).

The ethical issue is associated with the risk that a given study may create to its participants. That risk is considered small when compared to medical research, for example. Nonetheless, it exists and must

be considered in social sciences. Within in-depth interviews, some examples of that risk are sensitive topics that may cause respondents to remember traumatic experiences or the lack of anonymity when reporting the data, putting at risk the safety of the interviewee. In that case, informed consent is key to ensure ethics in studies that involve interactions with human beings. It must communicate to informants the goals of the study, clarify that their participation is voluntary and they are free to leave at any point and will not be punished for it, and present the risks of participating and will be done to mitigate them. Ensuring respondents' confidentiality is also necessary (MOSLEY, 2013).

Often, this consent is made official with a Consent Form, which can be, in some cases, verbal – when the interviewee is illiterate, for example. The construction and signing of this form bring about several challenges to researchers. The first of which is that institutions responsible for approving a research, which in the case of Brazilian universities would be Ethics in Research Committees (CEPs, in Portuguese) and, internationally, the Institutional Review Boards (IRBs), tend to prefer a language that is more formal and technical, which may be less accessible to interviewees. There is criticism that, in some cases, the documents are written in such a way to protect more the institution that funds or is connected with the study than the participant. Given that, it is the role of the researcher to ensure that the Form is interpretable, that is, to explain it to the informant, in an accessible and clear language, what that document is about (BROOKS, 2013; MOSLEY, 2013).

Another aspect is that signing the Form itself might affect an interviewee's motivation to participate in the research. There is indication that verbal consent is associated with greater motivation to participate in a study when compared with written consent. Given

that written consent is irrevocable, being a basic condition of respect to the human being that is taking part in a study, the researcher must be careful as to how they present this step to the interviewee, honestly and calmly (BROOKS, 2013; MOSLEY, 2013).

Minayo and Guerriero (2014) warn that qualitative research involves ethical challenges that go beyond the instruments and procedures defined by Ethics Committees – they involve the process as whole. The authors highlight three factors related to ethical issues in research: the researcher's behavior in the field; the way the material is analyzed; and the report made from that material. Thus, a researcher must always be respectful of the individuals they interact with. This is extended to other research stages. Regarding the publication of the data or the research report, the decision of what must be included and exposed in the analysis is also ethical. It is crucial that the researcher is transparent and describes in detail their research process, how relationships were established in the field, so that their conclusions can be evaluated within that context. A practical example of ethical measures that may be taken in result presentation is removal or change of people's and/or institutions' names to fictional ones.

The next three challenges – interviewee selection, validity, and reliability – are directly linked to some of the stages of planning and conduction interviews and, therefore, will be detailed throughout the next section. Overall, the challenge of selecting interviewees is about how to define the population of people that can be interviewed; and how to select individuals from that population, something that depends on the construction of theory and how the hypotheses will be tested. Internal validity is associated with factors such as sample/interviewee selection and how the interview was conducted (if the questions managed to capture information relevant to the research,

if respondents' answers was truthful and, if there are biases present in the answers, if the interviewer was able to detect them). In short, it encompasses all the aspects of the process of planning and conducting interviews and that may affect the data collected as well as its capacity to capture the research's object of study (MINAYO, 2012; MOSLEY, 2013). Finally, the last challenge when conducting interviews is the reliability of the answers received. This is related to how consisted is the instrument of measurement. In the case of interviews, if we can trust that if we were to repeat the same interview with the same individual, we would get similar, consistent answers (MOSLEY, 2013).

3. How should interviews be used? From theory to data analysis

Figure 1 below presents a visual schematic that summarizes the main stages broached here. Each stage will be discussed in a specific subtopic, except for submission of the research to an ethics committee, which was discussed in the previous section. Informed consent is crucial to conduct interviews, but the need to submit the study for approval depends on the institution the researcher is connected to². This stage would, naturally, come before conducting interviews and it appears in grey in figure 1 due to its importance in interview planning.

Figure 1: Stages to use Semi-structured Interviews.



Source: The author, based on Gaskell (2003) and Mosley (2013).

3.1 Theory

The first step in conducting semi-structured interviews must be the development of a theoretical or conceptual framework that will guide the analysis. Thus, it is important that concepts and central themes are previously identified (GASKELL, 2003; CROUCH; MCKENZIE, 2006). Therefore, the object of study must be defined from a research question or problem and situated within a theoretical debate (MINAYO, 2012). This may seem obvious, considering that a research problem must clearly counter the contributions of the proposed analysis in relation to what has already been discussed (GUSTAFSSON; HAGSTROM, 2018). Nevertheless, because it is crucial, this point must be remembered and highlighted.

In addition, another possibility is the use of grounded theory (GASKELL, 2003). Grounded theory may

be understood as the discovery of theory from data (GLASER; STRAUSS, 2006 [1976]). This methodology's guidelines to collect and analyze data allows the generation of middle-range theories (CHARMAZ; BELGRAVE, 2015). With an inductive approach, the idea is generating theories that are anchored in data and capable of explaining the phenomenon analyzed. Beyond sociology, grounded theory is often used in anthropology and organizational studies, for example. In political science, there are two points of contention for the use of this method: the debate on qualitative and quantitative methodologies and the emphasis in the deductive approach and confirmation of theories, rather than their creation. Overall, the use of this

² There are several documents required by Ethics Committees for research with human beings, in a demanding process, given that it is mostly guided by biomedical research (MINAYO; GUERRIERO, 2014). Although some recent resolutions ease this process for social science research, a researcher must plan to collect and deliver the documents required by the Committee of their institution and consider the time of evaluation of their request to conduct the study. Given that this affects the schedule of the analysis itself, it is recommended to check right at the start if it is necessary to submit the study to a CEP, which documents are required, and how long it may take until the research is approved, before setting out to conduct the interviews.

method in political science would be limited, being possibly more suited to the fields of political sociology and public policies (BECKER, 2012).

Once the theoretical framework is defined, it is possible to move on to two essential questions for the method's application: what to ask and who to ask it to. The first issue is connected to the definition of the interview guide, whereas the second is related to the selection of interviewees (GASKELL, 2003). Both are defining characteristics of semi-structured interviews and must not be confused with quantitative techniques for survey construction, much less issues of randomization and representativeness regarding sampling (DUARTE, 2005; GASKELL, 2003).

3.2 Interview guide

The adequate elaboration of the interview guide is crucial for the execution of a good interview. As the name itself says, the topics guide the research and make it possible to reach the goals of the investigation (GASKELL, 2003). The script must be anchored by the central research questions and their theories and hypotheses. These hypotheses may come up as the answers are obtained, which could provoke a change in the interview guides (DUARTE, 2005; MINAYO, 2012). Thus, the researcher must base their actions in theories and hypotheses but keep an open mind to question them (MINAYO, 2012).

In addition to basing themselves in the appropriate theoretical framework, a researcher must understand the field. That is, make and have prior observations and conversations with people that might be relevant to the analysis, discuss the topic with their colleagues and use their creativity (GASKELL, 2003; MINAYO, 2012). When out in the field, keeping a log of things said, accounts, and perspectives presented by people spoken

with might aid the researcher in weaving a collective narrative on the lives and experiences of the individuals whose reality is being analyzed (MINAYO, 2012).

The guide facilitates structuring the interview in a way that is possible to ensure that all the same items are discussed with all interviewees. However, the interviewer is free to explore the topics in the way they deem more appropriate (PATTON, 2002). It is the combination between structure and flexibility that Legard et al. (2003) discuss.

When it comes to formulating the interview script itself, it is ideal that it is constructed as a sequence of paragraph titles. Close-ended questions that require mere repetition to interviewees should not be elaborated, replaced by topics for conversation. It is necessary to remember the goal of understanding interviewees' perceptions, world views, beliefs, and attitudes on certain themes (GASKELL, 2003). The script for this kind of interview does not need to be extensive, usually being four to seven questions, and ideally not exceeding one page. Such questions need to be broad enough to allow deep discussion of the topic and must not be redundant. The interviewer must explore the answers presented (with follow-up questions, that aim to go deeper with responses) and only move on to the next question when the topic is exhausted (DUARTE, 2005; GASKELL, 2003).

The scripts, then, tend to be comprised of two levels – one that broaches the central themes of the research, with questions that allow informants to speak freely on the topics, and another that encompasses follow-up questions (KALLIO et al., 2016). It is worth highlighting, however, that many scripts have much more than seven questions, sometimes approximately 15 of them (HORTON et al., 2004; ROCHA, 2019). More important than following a rule on the quantity of questions is ensuring that all relevant aspects to comprehend the research object have been added.

Practically, it is ideal that the interview guide may be used to a certain extent to monitor the interview, should there much a limitation or estimation of time and one is aware of how many topics are left to discuss (GASKELL, 2003; HORTON et al., 2004). In addition, scripts must help to not only guide the interview, but also their transcription later on, serving as a preliminary schematic. However, subtopics are not inflexible, and can be modified for subsequent interviews. It is possible that the interviewer realizes that a given topic did not contribute much to the development of the discussion or even that there was an important topic that was not present in the previous structure. Consequently, it is common that a researcher starts interviews with a script and ends them with another. Nevertheless, any change must always be registered, along with a justification as to why it happened (DUARTE, 2005; GASKELL, 2003, MINAYO, 2012).

Based on a systematic review of the literature, Kallio et al. (2016) identified five steps in the process of elaborating topic guides that, to an extent, summarize what has been discussed. The steps are: i. identify the pre-requisites for application of a semi-structured interview; ii. consider the previous knowledge already built on that topic (theoretical and empirical material); iii. elaborate a preliminary guide; iv. test that version in the field, with three possibilities: internal testing (with members of the research team), experts' evaluations (researchers not on the team), and field testing (with individuals that could be interviewed). And then, based on the information obtained in the breadth and importance of the questions asked, improve the script; and v. lastly, present the final version of the guide.

3.3 Interviewee Selection

With the theoretical framework and the construction of the interview guide, the next stage is selecting the

interviewees. As said, this is one of the challenges faced in the use of the interview technique (MARSHALL, 1996; MOSLEY, 2013). In the application of techniques that involve interaction among researchers and individuals analyzed, the concepts of sampling and saturation are central. They are connected to a deeper question, that is, to what extent can these techniques be considered scientific? To what extent the collected speeches in a certain number of interviews reflect the perspective of a given group? (MINAYO, 2017).

Generally, two main paths can be taken to select the interviewees: probabilistic or non-probabilistic (purposive) sampling (LYNCH, 2013). Which one is better? Some arguments defend that the prevalent use of the non-probabilistic approach is based on an impossible ontological condition of homogeneity of the social world (LUCAS, 2012). Many qualitativists acknowledge the limitations of the conclusions reached by non-random samples and that, consequently, qualitative studies have no intention towards generalization. However, Lucas (2012) argues that many investigations within this approach end up with generalizable conclusions, even with the limitations of purposive samples.

The argument is that in-depth interviews lose much of their capacity to generate knowledge when a more theoretically rigorous selection of interviewees is not practiced (LYNCH, 2013; LUCAS, 2012). Although this discussion is very important, it is interesting to observe it framed by the political science debate between the quantitative and qualitative traditions. Qualitative analysis focuses on the singularities and the intensity of a phenomenon, and not in identifying a pattern, as with quantitative analysis.

In a fast distinction, qualitative analyses are expressed in natural language; with a Small-N approach, cases are selected in a non-random, purposive way, and the focus is on specific events. In this case, it is especially important that interviewees selected represent all the

relevant points of view for the research, that is, diversity of sources is essential. Thus, participants would be selected rather than in a probabilistic way, intentionally. Selection would, then, be based on theory and on the potential information these individuals could add to the analysis (MACDOUGALL; FUDGE, 2001; GASKELL, 2003). On the other hand, quantitative analyses use a probabilistic and statistical approach, Large-N, random samples, and focus on generalization (GERRING, 2017). Whereas quantitative analyses seek to identify average causal effect (effects-of-causes), qualitative studies aim to comprehend what caused a given effect (causes-of-effects) (GOERTZ; MAHONEY, 2012). If for quantitative analysis, selecting cases on the dependent variable is unsuitable, for quantitative analysis such a selection may be the most appropriate to understand the causal mechanisms that led to a given event (*ibidem*).

Thus, recognizing the limitations of using qualitative techniques such as in-depth interviews is essential, but we must be careful not to superimpose a quantitative logic on a qualitative research design. That said, the answer to the question of what the best path to take is, whether probabilistic or international is: it depends. This decision must be guided by the research question and the goal of the study (MARSHALL, 1996; MINAYO, 2017; MOSLEY, 2013; LYNCH, 2013).

As Mosley (2013) explains, if the intention is to generalize from the data collected, later transforming them into data set observations (DSO), that is, quantitative observations, a probabilistic sample might be more appropriate. However, if the research design is qualitative, that is, if the research question seeks to understand why a given event occurred or how it occurred, the data will be analyzed as causal process observations (CPO)³. In this

case, we do not use sampling, but interviewee selection (BRADY, 2010; GASKELL, 2003; MOSLEY, 2013).

Occasionally, qualitative researchers randomly select the object they are interested in studying, such as businesses or schools, and within those organizations, intentionally select people who could bring the largest wealth of information to the analysis. Therefore, it is not complete randomization. A random sample can be designed in several ways for in-depth interviews. One of the possibilities is to design stratified random samples that can be used to identify the so-called rare cases. However, random samples are not always possible for several reasons (lack of resources, interviewees who decide against participating, so on). In these cases, one option is to combine randomization with the “snowball” technique, which consists of randomly selecting a few individuals and using their personal networks to try and recruit more people (LYNCH, 2013).

In non-random sampling, for which the correct term would be “selection” rather than “sampling” (GASKELL, 2003), the goal is not to interview individuals with the same profile but “variants of a particular social setting” (CROUCH; MCKENZIE, 2006, p. 493). This is a crucial point for validity and reliability of the data collected via interview (DUARTE, 2005). It is also a fundamental question in qualitative analysis overall, in which inference follows from a few intentionally selected cases (GERRING, 2017). In that case, as Minayo (2017) clarifies, the trustworthiness of qualitative analysis is related more with the object’s diversity and with the research design itself than with the size of the sample. In her words, “(...) an ideal qualitative sample is one that reflects, in quantity and intensity, the multiple dimensions of a given phenomenon, and seeks the quality of the actions and interactions throughout the whole process”. (MINAYO, 2017, p. 10, original in Portuguese).

Within non-probabilistic, four types of interviewee selection may be highlighted: convenience (or acciden-

3 Brady (2010) discusses the complementarity of the qualitative and quantitative approaches based on two definitions of observation, respectively quantitative and qualitative: data set observations (DSO) and causal process observation (CPO). Nonetheless, the expression *data set observations* is broad, encompassing qualitative and quantitative observations, given that an isolated observation of a causal process can also be inserted in a rectangular data set (that is, all values in a line in a rectangular shape). For Gerring (2017), quantitative observations are comparable, while qualitative ones are not.

tal), purposive (or by judgment), snowball, and interstitial contacts. In the first, selection depends on viability, when sources are selected by proximity or availability. They can be very useful when access to potential interviewees is difficult or in the preliminary stage of the research. In the second, based on their judgement, the researcher defines interviewees based on the knowledge they have on the theme or aiming to reach subjective representation. It may be used to ensure that rare or negative cases are a part of their research. The third, called snowball selection, respondent-driven or chain referral, consists of including interviewees as interviews are conducted, based on referrals by other respondents. Thus, throughout the research, new interviewees can be selected, if the need to include them in the study is identified (DUARTE, 2005; LYNCH, 2013). Rocha (2019), for example, when investigating the formation of a new right in Brazil, used the snowball technique when questioning different social groups which would be the people considered by them as the most important to understand the phenomenon studied. In the fourth and last type, interviewees may be people in a line, in a taxi, people who are in run-of-the-mill situations and can spontaneously share information. It is useful to take notes and, if possible, record (with consent) these speeches, which can bring information that would possibly be inaccessible by other means (LYNCH, 2013).

MacDougall and Fudge (2001) lay out three stages for informant selection: prepare, contact, and follow-up. The first stage, *prepare*, begins with describing the sample: what are the places, characteristics, and experiences these interviewees should have, based on the goals of the research? The aim is to segment the setting in relation to the topic being broached. For example, if an in-depth interview is being used to understand individuals' perception of a certain education policy, all groups that may be affected by an intervention in the school setting should be heard. These groups may of students benefitted, teachers, the school's managing and techni-

cal staff, and the parents of the students participating, for instance (GASKELL, 2003). Maglia (2020), in her research about the reasons that led to the creation of more right-wing than left-wing parties in Brazil (between 1990 and 2018), interviewed leaders from all 25 political parties created. Guimarães (2018), in her analysis of the role of street-level bureaucrats in a public policy to house women victims of domestic violence in Pernambuco, interviewed workers at different levels (educators, coordinators, directors). The goal is to get diverse views on the issue (DUARTE, 2005).

Using educational policy as reference, so that these groups are identified, one has to know the school environment. Thus, a researcher's first step would be to talk with someone who knows this environment, for instance, a person who works at another school in the education system, and discuss with them how the school dynamics is, who would be the groups affected by the policy and so on. When more than one social setting is involved, the complexity of selection increases (GASKELL, 2003). Some criteria can be used to define the groups that must be included in interviewee selection. A first criteria is sociodemographic, such as age or income bracket. Other possibilities are statistical or taxonomic groups. And there is still the possibility of natural groups, people who share a past or future project, similar interests and values, etc. The central premise is that the source can aggregate relevant, trustworthy, and diverse information on the reality studied (GASKELL, 2003; DUARTE, 2005; DWORKIN, 2012).

Afterwards, it is necessary to find information about the source (list the main groups and sources of information about them), who are the key contacts to reach these people (ones who know the communities) or even *champions*, that is, people who could recruit or help recruit interviewees. The next step in this stage is to look for similar projects to yours, by contacting colleagues or community members and, if there are, learn

from these previous studies on how they interviewed, which connections were made, etc. Lastly, it is important to make alternative selections: going through this process to develop roughly three to four contact lists, if there are problems in contacting the initial selection (MACDOUGALL; FUDGE, 2001).

Guimarães (2018) and Maglia (2020) bring up practical examples of the need to list alternative contacts. In the former, the researcher had an agreement, with a signed form, that the Women's Secretariat in Pernambuco would share the contacts of workers from different shelters in state. Since that agreement was not fulfilled, the author sought other means to contact the workers, using contacts she had herself due to being acquainted with the social setting of shelters. Maglia (2020) initially planned to interview founding presidents of all political parties researched. However, some had passed away and others did not return her attempts to contact them. The author then decided to interview leaders who had participated in the process of creating the party or who, currently, exercised the function of party president.

In the next stage, *contact*, it is essential to have a good relationship with the key contacts, but without depending heavily on those contacts to conduct interviews. During this stage, the step-by-step would be as follows: 1. initial approach with key contact or champion to briefly inform them of the research's goal; 2. negotiate with these contacts, seeking their support; 3. direct negotiation, that is, direct contact with those who will be interviewed; 4. confirmation: define how the approach will happen (e-mail, phone call, etc.); and 5. involvement: if there was an agreement to maintain contact with these people. If so, is there planning and resources for it? Interviewees may be interested in knowing the results of the research (MACDOUGALL; FUDGE, 2001). Thus, it is essential to consider the theme studied, time constraints, and the sources predisposition to speak (DUARTE, 2005).

The last stage, *follow-up*, generally consists of informing participants of the research results; defining the means of communication to update on the study's progress, if it is a continuous project; or, still, invite participants to public events about the study and, lastly; define someone responsible for any possible advocacy that results from the project (MACDOUGALL; FUDGE, 2001).

Finally, how many people should be interviewed? Contrary to the quantitative approach, in which the representativeness of the sample in relation to the population is crucial, here a few interviews may be sufficient to obtain an in-depth description of the phenomenon analyzed (DUARTE, 2005). There are a few estimations of quantity that vary between five and fifty interviews (GASKELL, 2003). Dworkin (2012) suggests a number between 25 and 30 participants, which would enable to i) examine certain characteristics connected to research questions and concepts; ii) maximize the data being collected; and iii) increase the probability that negative cases and hypotheses are explored (p. 1320). Baker and Edwards (2012) suggest a broader variation that ranges between 12 to 60 interviewees.

Thus, the ideal number of interviews depends on the scope of the research, on practical issues such as how many interviews is it possible to transcribe in a given timeframe, and how many interviews are needed to obtain useful information for the investigation (BAKER; EDWARDS, 2012; GASKELL, 2003). One alternative is to conduct interviews to the point of saturation, in which more interviews do not add useful information to the research (GASKELL, 2003; MACDOUGALL; FUDGE, 2001). This saturation level must be reported, as well as all the other stages of interviewee selection (BLEICH; PEKKANEN, 2013).

The concept of saturation has been widely debated in the field of qualitative analysis. One of the points debated is that there simply is no cut-off point for a

sample, given that when more information is obtained on an object, it is possible that more questions arise, maintaining the need for more interviews (MINAYO, 2017). The key factor is that this number is justified based on the research object – on its complexity and extent, but also supported by theoretical framework important to the research. It is essential to remember that the previous definition of the instruments, such as interview guides or the number of interviews, is important but not immutable (GASKELL, 2003; MINAYO, 2017). Given this dynamic process, a researcher may identify the need to interview more people given the information obtained in the field (MINAYO, 2017). I suggest that, should a researcher previously define the number of interviews, they justify in their project why that number may go through modifications – both for practical reasons, such as the impossibility of reaching some people, and the theoretical reasons already mentioned. If that change does occur, it must be justified and presented in a transparent way to the reader.

3.4 Conducting Interviews

Once the research instruments have been built – the definition of what and who to ask – and the research proposal has been duly approved according to the necessary ethical criteria, it is time to move on to the practical application of the interviews. The quality of the information collected in an interview especially depends on who interviews (PATTON, 2002). Thus, the interviewer needs to be well-trained to use this technique: ability and technique are essential factors for an interview to be executed with rigor (BATISTA; DOMINGOS, 2017; PATTON, 2002). In this subsection, I will explore the main aspects for the good execution of an in-depth interview.

According to Gaskell (2003), in-depth interviews may last between one and one and a half hours. In the case

of phone interviews, although there is some evidence that their time and depth do not vary significantly in relation to in-person interviews (CACHIA; MILLWARD, 2011; IRVINE, 2011; VOGL, 2013), a duration that goes over one hour may become too long in this format. It would be advisable to plan the interview for a shorter length of time.

The beginning of interview should be on lighter themes, it should never be the topic of interest. It is important that the interviewee feel at ease when speaking. A friendly environment should be created, that enables the establishment of a relationship of trust with the researcher (BONI; QUARESMA, 2005). During this, the interviewer's attitude (*rappor*) demonstrating attention and interest in what the interviewee is saying is crucial (DUARTE, 2005; GASKELL, 2003). An aspect that deserves highlighting, and goes beyond the questions, is avoiding acknowledging only answers that confirm your argument (DUARTE, 2005). In the qualitative logic, the goal is always to seek information that *disconfirm or challenge* the theory analyzed (GERRING, 2017). This attitude must be present not only when analyzing and reporting results, but also in the execution of the interviews themselves. Moreover, it is important to highlight that this technique may be conducted not just in person, but also by other means, such as phone or internet (DUARTE, 2005; LEGARD et al., 2003).

According to Patton (2002), there are six types of questions that can be asked in an interview. The first are questions about an interviewee's behavior and experience, to understand the actions and activities undertaken and their experiences in a given context ("If I followed you through a typical day, what would I see you doing?", p. 350). The second type are questions about values and opinions, where the focus moves from action to an individual's cognitive, interpretive area ("What do you believe?; "What

is your opinion of ____?”, p. 350). The third type are questions about feelings. Here light is shed on emotions rather than a person’s cognitive processes (“How do you feel about that?”, p. 350). The fourth type are knowledge questions, with the aim of identifying an interviewee’s factual knowledge. The fifth type consists of sensory questions that seek to understand an informant’s senses, that is, what they saw, touched, smelled, or heard (“When you walk through the doors of the program, what do you see?”, p. 350). Lastly, the sixth type are questions that seek to understand the context and demographic aspects

of individuals. These focus on age, schooling, and occupation, for example.

That being said, a key stage in the conduction of interviews is knowing how to ask questions. That is, understanding well the different questioning techniques. Berry (1999), Boni and Quaresma (2005), Duarte (2005), Gaskell (2003), and Patton (2002) highlight some of the main aspects with relation to the techniques for asking questions and good practices in the conduction of interviews, which are summarized in table 1 below⁴.

Table 1: Techniques for Qualitative Interviews

Technique	Description
<i>Before the interview</i>	Some important steps: Re-read the interview script and memorize it Consider the interviewee’s schedule and allow them to pick the most convenient place/time When your research is dependent on a few sources, check previously if they are interested and available If they are available, leave the most relevant sources to be interviewed last, when more information on the theme has been gathered Identify and seek to reduce factors related to the interviewer (their institution or vocabulary, for instance), that might influence the answers obtained
<i>Beginning of interview</i>	Begin by thanking the availability and participation of the interviewee
<i>Explain the aim of the interview</i>	Explain to the interviewee the nature or objective of the research, in a way that will not generate bias in the answers obtained
<i>Recording authorization</i>	If there is a recording, it is necessary to calmly warn the respondent beforehand and ask for their authorization. Always check that the recorder is working
<i>Use a sequence of questions</i>	Called “funneling technique”, in which questions that go from the broad to the specific are asked
<i>Begin with simpler questions</i>	Interviews must not be initiated with the topic of interest, rather with simpler and interesting questions that put the interviewee at ease
<i>Ask questions about experiences and/or behavior before questions about feelings and/or opinions</i>	Helps to give context before asking more sensitive questions
<i>Ask clear-cut questions</i>	Use a vocabular familiar to that of the respondent’s, avoid long-winded questions and jargon
<i>Ask one thing at a time</i>	Asking too many questions at once may confuse the interviewee
<i>Ask really open-ended questions</i>	Questions must be asked in such a way that the interviewee is free to express themselves however they want. The interviewer should give breaks so that the interviewee can think about the answer. Silence is also important

⁴ See Gaskell (2003), p. 83-84, for a few practical examples of questions, and see Martin (2013), p. 249 - 253, for an example of a semi-structured interview questionnaire.

<i>Use probing and follow-up questions</i>	The goal is to deepen the answers given and increase the quantity of information collected
<i>Interpret the questions</i>	Ask questions that help clarify or confirm statements given by the interviewee. For instance: "Would it be correct to state that your view on the matter is..."
<i>Avoid questions⁵ which are sensitive</i>	These questions may make the respondent uncomfortable and affect the answers given, or even lead to the abrupt closing of the interview
<i>Stimulate free responses, but maintain the focus on the research interest</i>	Allow the interviewees to have the freedom to somewhat diverge from the question, but direct the conversation to the themes that are relevant to the research
<i>Rapport</i>	Respect the interviewee's opinion, demonstrate interest in their answer, etc. This may be demonstrated through expressions, posture, gestures, and tone adopted by the interviewer. It is recommended that the researcher study these techniques before conducting their interviews. A general advice is to demonstrate interest and attention in what their interviewee is saying, be polite, attentive, and use language that is adapted to them
<i>Attention to how the interviewee answers</i>	Consider adapting your questions to each interviewee. Be attentive and willing of the need to clarify a few words that might not be known or have a different meaning to them. Also observe the source's non-verbal language (expressions, posture, etc.)
<i>Using the interview guide</i>	It should only guide and serve as base to monitor the interview's progress (time, subjects discussed, etc.). It is important to memorize the questions and use the guide only when necessary. The focus should be on listening and understanding what the interviewee says
<i>Closing the interview</i>	Give indications that the interview is coming to close so that it is not finalized abruptly Finalize the interview with a positive note of gratitude and assurance of confidentiality, and give time for the interviewee to "step out" of the interview Ask if the respondent would like to make any additional comments after the recorder is turned off Explain how the information will be used and the progress of the research, if necessary

Source: the author, based on Berry (1991, p. 3 - 4), Boni and Quaresma (2005), Duarte (2005), Gaskell (2003), and Patton (2002).

In addition to these, Berry (1991, p. 6) also presents nine techniques identified during interview application with a group of students. The first is *contradiction*, that is, presenting an opinion contrary to that of the one expressed by the interviewee to stimulate more comments on the topic. A second technique is *linking*: connecting the respondent's comment to the topic the researcher is interested in. The third is the *false puzzle*: appearing to not understand the answer presented so that the person further elaborate their thinking. A fourth technique is *challenging*: ask for more information as a way to validate the point being made by the respondent. The fifth technique is *encouraging* through compliments, so that the person continues speaking. The sixth technique consists of *demonstrating compre-*

hension and giving time for elaboration, that is, reacting to the answers given with an understanding and in a way that the person feels free to make additional comments on the topic. A seventh technique is *recognition*, which would be repeating the answer given by the interviewee to demonstrate attention to what is being said. The eighth technique is asking *direct questions* to obtain more information. Lastly, the ninth technique observed is *seek more details* with additional questions.

Moreover, it is worth remembering that the way interviews are conducted can affect their validity and reliability. One strategy to increase the reliability of the collected data consists of the quality of the interview recording (GASKELL, 2003; LEGARDE ET AL., 2003;

⁵ Some interviews discuss themes that are generally sensitive, such as the anxiety developed by experiences with crime/situations of violence. In that case, it is suggested to use a specific type of interview, called narrative interview, in which the respondent narrated a given event in their lives. See Hollway and Jefferson (1997) and Crouch and McKenzie (2006) for an in-depth discussion.

MOSLEY, 2013). In addition to the good practice of ensuring effective means of recording, asking authorization of the interviewee to record, and ensuring the confidentiality of their answers, it is sensible to transcribe the interview immediately after it is done. This can help clarify eventual doubts in the transcription, given that information will be recent in memory. Also, the recording can be consulted to check reliability and even validity of the answers. Given that a recording is not always viable, whether due to reasons of confidentiality, potential risk to the interviewee, or at the source's request, it is advisable to transcribe immediately after the interview ends. Therefore, it is a good idea to ensure a reasonable amount of time between interviews, so that it is possible to complement the notes taken during it (MOSLEY, 2013).

Beyond this recording, being knowledgeable on the topic discussed is crucial to identify possible inconsistencies in the answers given. Repeating the interview with the same individual and the same script, varying the interviewer, is also suggested. In addition, it is possible to conduct follow-up interviews, that is, repeat the interview with the same individual and check how their answers change over time. This variation may be due to interviewer effects or changes that happened in the meantime between interviews. It is important to highlight that there is a trade-off in this follow-up: it is necessary to choose to interview fewer people more intensely or more people less frequently. The former strengthens internal validity, while the latter is useful for external validity. As always, the decision depends on the goal of the research (MOSLEY, 2013).

Lastly, a good exercise for the reader is to read interview transcriptions that are available in academic and scientific repositories, to better understand how these techniques are applied in practice. One example is the project "Women in political science", by the Brazilian Association of Political Science, for

which 30 interviews were conducted with researchers in different fields of study, regions in the country, and career length, as part of the association's goal to reclaim its institutional memory and highlight the contributions of women political scientists to the field. All interview transcriptions are publicly available⁶. The scholars were interviewed by 23 other colleagues in the field, based on the same semi-structured script (BIROLI et al., 2020). Thus, it is possible to observe how the conduction of the interview varies depending on the interviewer and on who is being interviewed, something intrinsic to the nature of semi-structured interviews.

3.5 Data Compilation and Analysis

As discussed, the script that guides the interviews enables the creation of a structure to compare answers given in each topic, which helps systematize the information extracted, describe the results obtained, and analyze them in categories (DUARTE, 2005). As the construction of interview guides must be based on the research problem and the goal of the investigation, the analysis of the data collected must also be theoretically guided (DUARTE, 2005; GASKELL, 2003).

The first step for this analysis is a well-done and detailed transcription. The transcription can be transferred to a table in which lines represent each interviewee and columns are filled in with the responses given to each question/topic broached. This structure enables to identify regularity patterns more easily among answers. Once your data is collected, that is, recorded, transcribed, and systematized, with your research question in mind, you can evaluate if the data allows for a quantitative or qualitative analysis (GASKELL, 2003).

⁶ The links for the transcriptions can be accessed in the following website: <<https://cienciapolitica.org.br/projetos/projeto-mulheres-ciencia-politica>> (BIROLI et al., 2020).

The approach used depends on the research design chosen. The quantitative and qualitative traditions have different logics when it comes to the weight they give to variables, diverging on their causal process and observations (data set observations x causal process observations). In quantitative analysis, observations carry the same weight, and the goal is to identify patterns and test them against the null hypothesis. In qualitative analysis, researchers are like detectives searching for evidence that may help them solve a puzzle. Each piece of information matters and a single data point can be enough to reject an explanation (smoking gun evidence) (GERRING, 2017).

Thus, although semi-structured interviews are considered a *qualitative data collection* technique, qualitative data can also be quantified. However, once qualitative data are transformed in quantitative observations, it is not possible to reverse the process⁷. A transformation from qualitative to quantitative means reducing detailed and complex information to smaller dimensions that will be observed consistently across the units of analysis. If several observations of the same kind are generated, then we have quantitative observations (GERRING, 2017).

Maglia (2020), for instance, using interviews with leaders of the 25 new political parties created between 1990 and 2018, identified three logics of creating new parties, according to the perspective of elites: party legacy, pragmatic, and ideological logics. In a hypothetical example, from this classification and depending on the research question, it would be possible to conduct qualitative analyses focusing on the mechanisms of each logic, or transform that classification into a categorical variable, add it to a database and conduct quantitative analyses on whether parties with different logics are associated with higher degrees of particularism or variations in government performance.

Under a qualitative perspective, data analysis – that is, of the speech of interviewees – begins at the search for themes that have common content and the respective function of these themes (DUARTE, 2005; GASKELL, 2003). In this process, the researcher will need to dedicate a lot of time to the analysis. It might be necessary to revisit the transcriptions and recordings and “re-live the interview”, as Gaskell (2003) explains. During this stage, writing down ideas had during the analysis is an important aspect. These notes, as well as the analysis overall, must always be guided by the research goals. Lastly, a researcher must always search not only for patterns, but also contradictions within the same topic (GASKELL, 2003).

This is a crucial aspect, since the way a researcher systematizes and interprets the data may affect their validity. This can occur, for example, if the data are evaluated from a bias seeking to confirm the theory analyzed. Therefore, when reporting results, if specific responses are chosen, it is necessary to justify why they were used. After all, it would be possible to select outliers that bring in information favorable to the theory being tested.

Another factor that influences validity is the precision of the information obtained. There is a possibility that the informant intentionally gives evasive or erroneous answers. In this case, it is possible to use additional information or from prior interviews to validate the answers obtained. Using triangulation, combining interviews with other empirical materials, and comparing the finds with what the literature on the theme or previous evidence indicate, is a possible path in the search for precision of the information collected (MINAYO, 2012; MOSLEY, 2013).

According to Minayo (2012), considering its structuring terms is a central aspect of qualitative research. The first four terms would be experience, understanding,

⁷ Although it is possible to go back to the original material (recordings and transcriptions) for qualitative analysis (GERRING, 2017).

common sense, and action and refer to the analysis's object of study. Experience is the individual's comprehension of their place in the world. This comprehension is affected by culture and is expressed in the individual's language. Understanding would be the result of a reflection, an interpretation of the individual about an experience, being influenced by personal traits. It is possible to share the same experience, but with different understandings. That understanding, however, will be affected by the collective. That is where common sense comes in, defined by Minayo (2012), as a set of knowledges that the individual possesses from their own experiences and understandings and it is translated in beliefs, opinions, in how they think and relate. Consequently, common sense is the basis of what qualitative analysis investigates. It is the expression of individuals' understandings and experiences which will be manifested in their attitudes and language. Lastly, action would be connected to the practice of individuals, groups, and institutions to build or transform the world they live in.

These four nouns discussed by Minayo (2012) help to clarify to the reader the challenges faced in qualitative analysis, given the complexity of their research object. The data collected in an in-depth interview are based on individuals' perceptions, beliefs, opinions, and worldviews. Having this in mind is crucial to understanding the limitations and possibilities of the analysis itself. In Minayo's argument, that analysis must be founded in two verbs: comprehend and interpret. Comprehend means placing oneself in the place of another, to consider their subjectivity. In addition, keeping in mind that an individual's comprehension about their life, their world, is limited. Similarly, so is the researcher's comprehension. The conditions and difficulties under which researchers reached their interpretation must be clearly presented. Every interpretation has their limitations, and they must be made explicit (MINAYO, 2012).

In a quantitative approach, political science has increased discussions in the last few years about the possibilities of text as data (MONROE; SCHRODT, 2008; ROBERTS, 2016). The automated analysis of text would enable the study of political phenomena that are manifested in verbal or written formats (such as electoral campaign speeches, documents, debates, legislative propositions, etc.) and that were practically impossible to investigate given their size (GRIMMER; STEWART, 2013). Other advantages of the use of automated text analysis are: the possibility of applying different techniques despite the language of the content being studied; calculating uncertainty measures with the aim of identifying if there are, indeed, relevant differences in the texts that are not due to measurement errors or sample variation; and diminishing the need for manual work, thus making the replication of the results easier (IZUMI; MOREIRA, 2018).

I will not go into details on the different automated models of text analysis, already well-discussed in other studies⁸. I recommend that the reader interested in using these techniques dive deeper into the most relevant aspects to employing this kind of analysis. That being said, it is important to highlight that automated analysis does not replace the careful examination of reading the texts. Text methods have, therefore, the role of broadening and potentializing this careful reading (GRIMMER; STEWART, 2013; IZUMI; MOREIRA, 2018). Moreover, the automated content analysis is an incorrect method of language. This means that, given the complexity of language, all the quantitative models that seek to analyze it will be wrong in some measure. It is not possible to simply assume, such as with any other method, that results reached are valid. Therefore, it is essential to employ good validation tech-

8 See Grimmer and Stewart (2013), Izumi and Moreira (2018) and the introductions to two issues of *Political Analysis* on the theme: Monroe and Schrodt (2008) and Roberts (2016). For practical and didactical materials, see Moreira (2019) (in Portuguese) and Silge and Robinson (2020) (in English). The former is still under construction but has interesting introductory material. The latter is constantly updated.

niques (GRIMMER; STEWART, 2013; ROBERTS, 2016). Also, it is worth highlighting that there is no method clearly superior for quantitative text analysis. As always, this primarily depends on the research question and the data themselves, for which certain methods may be more suited than others (GRIMMER; STEWART, 2013; IZUMI; MOREIRA, 2018).

Lastly, a crucial point in the analysis of data generated by interviews is related to the use of qualitative methods overall, and how they are reported (BLEICH; PEKKANEN, 2013). As discussed, in the Brazilian social sciences there was a rejection of quantitative methods on one hand and an inadequate use of qualitative methods on the other (SOARES, 2005). A non-transparent application of a qualitative technique may reinforce a distrust of their results. Therefore, when writing a qualitative scientific paper, the step-by-step process of the research must be described in a clear and transparent way (CRESCENTINI; MAINARDI, 2009). Bleich and Pekkanen (2013) recommend that the stages of the sample design for interviews are reported in detail (e.g., the definition of the population of potential interviewees; how many interviewees participated, etc.). In addition, Mosley (2013) highlights that despite transparency and replicability challenges in the use of interviews – such as the issue of confidentiality – other technical information can be provided, such as the interview script or a description of the techniques used during interviews.

The absence of transparency in qualitative studies contributes to a view that these analyses are not rigorous enough and that qualitative data cannot be considered evidence (CRESCENTINI; MAINARDI, 2009). Due to scope and space, I will not detail the discussion on the need and limits of transparency and replicability of qualitative methods⁹. However, I recommend that

the reader interested in the application of interviews or any other qualitative technique familiarizes themselves with this discussion *before* conducting their research, in order to reproduce good practices in their analysis.

4. Conclusions

What are semi-structured interviews? How can they be used in political science? Throughout this paper I have sought to answer these two questions from a practical and didactical perspective on the use of semi-structured interviews. Some aspects emphasized in the text are worth revisiting. The first is that semi-structured interviews are a *qualitative* technique of *data collection*. Thus, they focus on beliefs, perceptions, attitudes, emotions, and so on. Once collected, these data can be analyzed with a qualitative or quantitative approach. Another important point is the interaction between flexibility and structure of this type of interview and the consequences this has for the validity and reliability of the data collected. It is very important that the reader have those limitations in mind when building their research instruments and analyzing the data. Also, something that permeates the use of interview techniques, and another other technique, is the support by theory and focus on the research problem. From script construction to data analysis, the research is guided by the theoretical debate and the question to be answered. Finally, because it is a technique of interaction with people, there are several ethical issues associated with the use of interviews. A researcher must pay attention to all of them, not just their formal aspects – regarding required documentation and the eventual approval in research committees, but also throughout the whole planning and execution process of interviews.

⁹ For a deeper view on the issue, see Elman et al. (2018) and the websites *Qualitative Data Repository* and *Qualitative Transparency Deliberations on behalf of the APSA Section for Qualitative and Multi-Method Research*,

especially the section “Evidence from researcher interactions with human participants”.

Going back to the discussions initiated by Soares (2005), I hope to have brought two underlying contributions to this study. First, qualitative techniques are just as relevant as quantitative techniques of collection and data analysis. There are several areas of study within political science that can benefit from using this technique. Especially when we broach research objects still underexplored in the discipline. Thus, studies that use in-depth interviews may especially contribute to advancing research agendas. On the other hand, semi-structured interviews – or any other qualitative technique – must not be used due simply to affinity or rejection of quantitative techniques. The choice in method must be guided technically. The absence of quantitative approaches does *not* mean the use of qualitative methods. Similarly, simply asking someone something also does not mean using in-depth interviews. So that valid and reliable results are achieved, the technique in question must be used rigorously and transparently.

That being said: now, how to proceed? If you have found that semi-structured interviews are adequate for your research question and want to include them in your design, my suggestion is simple: try to learn more about the technique. In this article, I brought general aspects of the use of interviews, but there are several important issues that, due to scope and space, were not duly detailed. Fortunately, there is a decent number of studies on each one the stages of executing an interview (e.g., how to define the number of interviews that must be done or how and which questions to ask) (BERRY, 1999; BAKER; EDWARDS, 2012; DWORKIN, 2012; LUCAS, 2012; PATTON, 2002). As mentioned, there are also some works in which researchers share experiences and what they learned when applying interview techniques (BERRY, 1999; MOSLEY, 2013; ROULSTON et. al., 2003; SIONEK et al., 2020). Reading these works may help to replicate good practices and avoid errors. I also find it interesting to

read this kind of publication, as well as some interview scripts, to observe some practical examples of the technique's application. Remember, however, that one of the recommendations is to test the instruments in the field. That is, you have the opportunity to test a preliminary script and learn from it.

With that, in addition to presenting the technique of semi-structured interviews and proposing practical guidelines that facilitate the informed use of the method, the idea is that this paper can contribute as introductory material for a still incipient paradigm shift of more formal training in qualitative methods in Brazil (SOARES; BARBERIA ET AL., 2014). This context is also present in international graduate programs. These cases have in common a gap in the adequate formation on qualitative methods, creating a vicious cycle in which the inadequate use of the techniques and lack of training to improve their application end up feeding a mistaken view of qualitative techniques as easy and not rigorous enough. The expectation is that this paper can help inform students and researchers interested in the application of the semi-structured interview technique, as well as that it can, to some extent, inspire other research focused on producing pedagogical materials and promoting more rigorous training in the area.

BIBLIOGRAPHICAL REFERENCES

- BAKER, Sarah Elsie.; EDWARDS, Rosalind. (2012), "How many qualitative interviews is enough? Expert voices and early career reflections on sampling and cases in qualitative research", *National Centre for Research Methods Review Paper*.
- BARBERIA, Lorena; GODOY, Samuel Ralize de; BARBOZA, Danilo. (2014), "Novas Perspectivas sobre o 'Calcanhar Metodológico': O Ensino de Métodos de Pesquisa em ciência política no Brasil", *Teoria & Sociedade*, vol. 22, no. 2: 156-186.
- BATISTA, Mariana. (2017), *A Difusão da Lei de Acesso à Informação nos municípios brasileiros: fatores internos e externos*. Brasília, Fundação Escola Nacional de Administração Pública (Enap).
- BATISTA, Mariana.; DOMINGOS, Amanda. (2017), "Mais que boas intenções: Técnicas quantitativas e qualitativas na avaliação de impacto de políticas públicas", *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 32, no. 94.
- BECKER, Brittney. (2012), "The Grounded Theory Method and its uses for Political Science", in B. Becker; G. Kaufmann (org.), *Series of Paper: Methods of Field Research*.
- BERRY, Rita S. Y. (1999), "Collecting data by in-depth interviewing". *British Educational Research Association Annual Conference*, University of Sussex, Brighton, UK. September 2 – 5.
- BIROLI, Flávia; GUARNIERI, Fernando; TATAGIBA, Luciana. (2020), *Projeto Mulheres na Ciência Política*. Disponível em < <https://cienciapolitica.org.br/projetos/projeto-mulheres-ciencia-politica> >. Acessado em 14 out. 2020.
- BLEICH; Erik; PEKKANEN, Robert. (2013), "How to report interview data", in L. Mosley (org.), *Interview Research in Political Science*, Ithaca, Cornell Univ. Press.
- BONI, Valdete; QUARESMA; Sílvia Jurema. (2005), "Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais", *Em Tese*, vol. 2, no. 1.
- BRADY, Henry E. (2010), "Data-set observations versus causal-process observations: the 2000 U.S. presidential election 2010", in: H. Brady; D. Collier. (org.). *Rethinking Social Inquiry: Diverse Tools, Shared Standards*. Lanham, Rowman & Littlefield Publishers.
- BROOKS, Sarah M. (2013), "The Ethical Treatment of Human Subjects and the Institutional Review Board Process", in L. Mosley (org.), *Interview Research in Political Science*, Ithaca, Cornell Univ. Press.
- CACHIA, Moira; MILLWARD, Lynne. (2011), "The telephone medium and semi-structured interviews: a complementary fit", *Qualitative Research in Organizations and Management*, vol. 6, no. 3.
- CHARMAZ, Kathy; BELGRAVE, Linda Liska. (2015), "Grounded Theory", in G. Ritzer. (org.), *The Blackwell Encyclopedia of Sociology*, John Wiley & Sons, Ltd.
-

- CROUCH, Mira; MCKENZIE, Heather. (2006), "The logic of small samples in interview-based qualitative research", *Social Science Information*, vol. 45, no. 4: 483-499.
- DUARTE, Jorge. (2005), "Entrevista em profundidade". in J. Duarte; A. Barros (org.), *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*, São Paulo: Atlas.
- DWORKIN, Shari L. (2012), "Sample Size Policy for Qualitative Studies Using In-Depth Interviews", *Archives of Sexual Behavior*, vol. 41, no. 6.
- ELMAN, Colin; KAPISZEWSKI, Diana; LUPIA, Arthur. (2018), "Transparent Social Inquiry: Implications for Political Science", *Annual Review of Political Science*, vol. 21: 29-47.
- GASKELL, George. (2003), "Entrevistas Individuais e Grupais", in M. W. Bauer; G. Gaskell (org.), *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático*. Petrópolis, Editora Vozes.
- GERRING, John. (2017), "Qualitative Methods", *Annual Review of Political Science*, vol. 20, no. 2.
- GLASER, Barney G.; STRAUSS, Anselmo L. (2006 [1976]), *The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research*. USA, AldineTransaction.
- GLYNN, Adam N.; ICHINO, Nahomi. (2015), "Using Qualitative Information to Improve Causal Inference". *American Journal of Political Science*, vol. 59, no. 4:1055-1071.
- GOERTZ, Gary; MAHONEY, James. (2012), *A Tale of Two Cultures: Qualitative and Quantitative Research in the Social Sciences*. Oxfordshire, Princeton University Press.
- GRIMMER, Justin; STEWART, Brandon. M. (2013), "Text as Data: The Promise and Pitfalls of Automatic Content Analysis Methods for Political Texts", *Political Analysis*, vol. 21: 267-297.
- GUIMARÃES, Natália Cordeiro. (2018), "Profissionais no olho do furacão: o papel das educadoras sociais na implementação da política de abrigamento para mulheres ameaçadas de morte em Pernambuco". *Dissertação de Mestrado. Universidade federal de Pernambuco*.
- GUSTAFSSON, Karl; HAGSTROM, Linus. (2018), "What is the Point? Teaching graduate students how to construct political science research puzzles", *European Political Science*, vol. 17: 634-648.
- HERTEL, Shareen; SINGER, Mathew M.; LEE VAN COTT, Donna. (2009), "Field Research in Developing Countries: Hitting the Road Running", *PS: Political Science and Politics*, vol. 42, no. 2: 305-309.
- HOLLWAY, Wendy; JEFFERSON, Tony. (1997), "Eliciting Narrative Through In-depth Interview", *Qualitative Inquiry*, vol. 3, no. 53.
- HORTON, Joanne; MACVE, Richard; STRUYVEN, Geert. (2004), "Qualitative Research: Experiences in Using Semi-Structured Interviews", in HUMPHREY, Christopher; LEE, Bill (org.), *The Real Guide to Accounting Research*, Elsevier Science.
-

- IRVINE, Annie. (2011), "Duration, Dominance and Depth in Telephone and Face-to-Face Interviews: A Comparative Exploration", *International Journal of Qualitative Methods*.
- IZUMI, Maurício. MOREIRA; Davi. (2018), "O texto como dado: desafios e oportunidades para as ciências sociais", *Revista Brasileira de Informações Bibliográficas em Ciências Sociais - BIB*.
- KALLIO, Hanna, PIETILÄ, Anna-Maija; JOHNSON, Martin; KANGASNIEMI. (2016), "Systematic methodological review: developing a framework for a qualitative semi-structured interview guide", *Informing Practice and Policy Worldwide through Research and Scholarship*.
- KING, Gary; KEOHANE, Robert O.; VERBA, Sidney. (1994), *Designing Social Inquiry: Scientific Inference in Qualitative Research*, New Jersey, Princeton University Press.
- LEGARD, Robin; KEEGAN, Jill; WARD, Kit. (2003), "In-depth Interviews", in J. Ritchie; J. Lewis (org.), *Qualitative Research Practice: A Guide for Social Science Students and Researchers*. SAGE Publications, London.
- LOTTA, Gabriela; PEREIRA, Guilherme Nunes; BICHR, Renata Mirandola. (2018), "Policy implementation in the intramunicipal level: the case of the Social Assistance Departments of the city of São Paulo", *Revista Brasileira de Políticas Públicas e Internacionais*.
- LUCAS, Samuel R. (2012), "Beyond the existence proof: ontological conditions, epistemological implications, and in-depth interview research", *Qual Quanti*.
- LYNCH, Julia. F. (2013), "Aligning Sampling Strategies with Analytic Goals", in L. Mosley (org.), *Interview Research in Political Science*, Ithaca, Cornell Univ. Press.
- MACDOUGALL, Colin; FUDGE, Elizabeth. (2001), "Planning and Recruiting the Sample for Focus Groups and In-Depth Interviews", *Pearls, Pith and Provocation*.
- MAGLIA, Cristiana. (2020), "Novos Partidos de Direita no Brasil (1990-2018): Ideologia, Estrutura Institucional e Mercado Eleitoral", *Tese de Doutorado*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação de Ciência Política.
- MAHONEY, James. (2010), "After KKV: The New Methodology of Qualitative Research", *World Politics*, vol. 62, no. 1: 120-147.
- CRESCENTINI, Alberto; MAINARDI, Giuditta C. A. (2009), "Qualitative research articles: guidelines, suggestions and needs", *Journal of Workplace Learning*, vol. 21, no. 5: 431-439.
- MARTIN, Cathie Jo. (2013), "Crafting Interviews to Capture Cause and Effect", in L. Mosley (org.), *Interview Research in Political Science*, Cornell Univ. Press: Ithaca.
- MARSHALL, Martin N. (1996), "Sampling for qualitative research", *Family Practice*, vol. 13, no. 6: 522-525.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. (2012), "Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade", *Ciência e Saúde Coletiva*, vol. 17, no. 3: 621-626.
-

- MINAYO, Maria Cecília de Souza. (2017), “Amostragem e Saturação em Pesquisa Qualitativa: Consensos e Controvérsias”, *Revista Pesquisa Qualitativa*, vol. 5, no. 7: 1-12.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; GUERRIERO, Iara Coelho Zito. (2014), “Reflexividade como Éthos da Pesquisa Qualitativa”, *Ciência e Saúde Coletiva*, vol. 19, no. 4: 1103-1112.
- MONROE, Burt L.; SCHRODT, Philip A. (2008), “Introduction to the Special Issue: The Statistical Analysis of Political Text”, *Political Analysis*, vol. 16: 351-355.
- MOREIRA, Davi. (2019), *Text as Data para Ciências Sociais: guia prático com aplicações*. Disponível em: <https://bookdown.org/davi_moreira/txt4cs/>. Acessado em: 12 Jul. 2020.
- MOSLEY, Layna. (2013), *Interview Research in Political Science*. Cornell Univ. Press: Ithaca.
- PATTON, Michael Quinn. (2002), *Qualitative Research and Evaluation Methods*. Thousand Oaks, Sage Publications: USA.
- QUALITATIVE DATA REPOSITORY. (2020), *The Qualitative Data Repository*. Disponível em <<https://qdr.syr.edu/>>. Acessado em 14 Jul. 2020.
- QUALITATIVE TRANSPARENCY DELIBERATIONS ON BEHALF OF THE APSA SECTION FOR QUALITATIVE AND MULTI-METHOD RESEARCH. *Home*. Disponível em <<https://www.qualtd.net/>>. Acessado em: 14 Jul. 2020.
- RAGIN, Charles C. (2008), *Redesigning Social Inquiry: Fuzzy Sets and Beyond*. Chicago and London, University of Chicago Press.
- REZENDE, Flavio da Cunha. (2011), “A “Nova Metodologia Qualitativa” e as Condições Essenciais de Demarcação entre Desenhos de Pesquisa na ciência política Comparada.”, *Revista Política Hoje*. vol. 20, no. 1.
- ROBERTS, Margaret E. (2016), “Introduction to the Virtual Issue: Recent Innovations in Text Analysis for Social Science”, *Political Analysis*, vol. 24, no. v10: 1-5.
- ROCHA, Camila. (2019), ““Imposto é Roubo!” A Formação de um Contrapúblico ultraliberal e os Protestos Pró-Impeachment de Dilma Rousseff”, *Dados*, vol. 62, no. 3: 1-42.
- ROULSTON, Kathryn; DEMARRAIS, Kathleen; LEWIS, Jamie B. (2003), “Learning to Interview in the Social Sciences”, *Qualitative Inquiry*, vol. 9, no. 4: 643-668.
- SILGE, Julia; ROBINSON, David. (2020), *Text Mining with R: A Tidy Approach*. Disponível em: <<https://www.tidytextmining.com/>> acessado em 12 jul. 2020.
- SIONEK, Luiza; ASSIS, Dafne Thaissa Mineguel; FREITAS, Joanneliese de Lucas. (2020), ““If I had known, I wouldn’t have come”: Implications and Challenges of Qualitative Interview”, *Psicologia em Estudo*, vol. 25.
- SOARES, Glaucio. (2005), “O Calcanhar Metodológico da ciência política no Brasil”, *Sociologia, Problemas e Práticas*. no. 48: 27-52.
-

- TANSEY, Oisín. (2007), “Process Tracing and Elite Interviewing: A Case for Non-probability Sampling”, *PS: Political Science & Politics*, vol. 40, no. 4: 765-772.
- VEIGA, Luciana; GONDIM, Sonia Maria Guedes. (2001), “A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no Marketing Político”, *Opinião Pública*, vol. 7, no. 1.
- VOGL, Susanne. (2013), “Telephone Versus Face-to-Face Interviews: Mode Effect on Semistructured Interviews with Children”, *Interviewing and Survey Analytic Methods*, vol. 43, no. 1: 133-177.
- WENGRAF, Tom. (2001), *Qualitative Research Interviewing*, Thousand Oaks, Sage Publications: USA.
- WOOFFITT, Robin; WIDDICOMBE, Sue. (2006), “Interactions in Interviews”, in P. Drew; G. Reymond; D. Weinberg (org.), *Talk and Interaction in Social Research Methods*. SAGE Publications: London.
-